

Vicente Dobroruka

ANARQUISMO ESPANHOL EM 1936:  
VISÕES DO QUIILIASMO NA HISTORIOGRAFIA  
CONTEMPORÂNEA SOBRE A REVOLUÇÃO

Monografia de Bacharelado

Departamento de História  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro

Orientador: Antônio Edmilson Martins Rodrigues

Rio de Janeiro, julho de 1993



À memória de  
Luiz Camillo Dobroruka



## ÍNDICE

Índice .....	3
Introdução .....	5
Capítulo 1: Quadro conceitual .....	12
1. Utopia .....	13
1.1. A heresia blochiana .....	13
1.2. Utopias x ideologias .....	16
2. Anarquismo .....	20
2.1. O bakuninismo .....	20
2.2. O anarco-comunismo de Kropotkin .....	21
3. Anarquista / libertário .....	23
4. Elementos "residuais" localizáveis no anarquismo espanhol .....	26
Capítulo 2: Quadro histórico .....	30
1. Origens do anarquismo espanhol: da Primeira Internacional até a fundação da CNT .....	30
2. A fundação da CNT e o fortalecimento do sindicalismo .....	39
3. Questões colocadas à Segunda República: o problema agrário .....	43
4. O levante das Astúrias .....	46
Capítulo 3: Representações da revolução barcelonesa ...	53
1. Barcelona: depoimentos, relatos, romances .....	49
1.1. Relato de um voluntário do POUM .....	50
1.2. Aspectos líricos da luta .....	53
1.3. Brincando de guerra .....	55
2. Buenaventura Durruti .....	57



Capítulo 4: Possibilidades de valoração do levante anarquista .....	60
1. Gerald Brenan .....	61
2. Hugh Thomas .....	66
3. Pierre Vilar .....	71
4. Frank Mintz .....	73
 Conclusão .....	 76
 Bibliografia .....	 80



## INTRODUÇÃO

O tema desta monografia, embora esteja presente em vários autores que trataram de questões semelhantes, ainda não foi abordado enquanto objeto autônomo de reflexão. Devo, portanto, uma rápida exposição de minhas motivações e de algumas questões teórico-metodológicas.

*O que posso saber? O que devo fazer? O que me é lícito esperar? As duas últimas perguntas não têm lugar no mundo da realidade. E não obstante não são desprovidas de sentido. Constituem o sentido supremo. A única coisa que tem sentido.*

A citação é de uma conferência de Ernst Bloch que ficou conhecida sob o título de "O homem como possibilidade". Assim falou ele sobre os sonhos, os sonhos utópicos, grandiosos e muitas vezes selvagens, mas sempre fecundos e generosos. Utópicos no sentido original da palavra e que é o melhor: "ainda-não-realizados". Jamais como coisas "cacetes, simplistas e ridículas"<sup>1</sup>. Utópicos não por serem delirantes, mas estarem fundados na tomada de consciência, pelo homem, de seu papel no mundo e de sua capacidade enquanto construtor de seu próprio devir (ou seja, da História como processo).

Parece-me que em nossa época essa possibilidade de construção do devir enquanto espaço utópico esteve evidente na Espanha de 1936, onde ao longo de três anos de conflito

---

<sup>1</sup> Emile M. Cioran. *Histoire et utopie*. Paris: Gallimard, 1960. P.194. Cit. por Pierre Furter. "Utopia e marxismo segundo Ernst Bloch" in: *Tempo Brasileiro* 7, 1965. Furter considera Cioran como neo-fascista e rebate esse argumento fruto de uma inteligência "brilhante e vã" com a afirmação de Paul Tillich: "Negar cinicamente a utopia não significa ainda conquistar a verdade que a utopia encobre"; cf. Paul Tillich. *Die politische Bedeutung der Utopie im Leben der Völker*. Berlin: Gebrüder Weiss Verlag, 1951.



aberto travou-se uma cruzada entre idealismos de vários tipos (mesmo entre a direita é forçoso admiti-lo; que se pense nos carlistas de Navarra e mesmo na Falange original) e pragmatismos diversos de direita e de esquerda (se ainda for possível designar o Partido Comunista Espanhol, daqui para frente apenas PCE, de órgão político de esquerda). Resumindo, o embate deu-se, do ponto de vista da análise ora exposta, entre interesses pragmáticos e a possibilidade efetiva de construção imediata de um real pleno de justiça e eqüidade.

Todavia, o objeto desta monografia não é (nem poderia ser) a questão da análise da mentalidade utópica dos anarquistas espanhóis enquanto tais, mas sim a percepção dessa atitude mental em alguns autores que trataram da Guerra Civil Espanhola. Todo o texto tentará ser um diálogo com esses autores selecionados, privilegiando a avaliação e a análise por eles feita do movimento anarquista espanhol. Evidentemente, a opção pelos termos "utópicos", "milénarista" e outros que definem o objeto de estudo é de responsabilidade minha, bem como toda a seleção do instrumental teórico de análise.

Em relação à Guerra Civil em geral e ao movimento operário em particular, a historiografia por mim consultada pareceu estar dividida em duas frentes: em primeiro lugar a historiografia, ou melhor, hagiografia marxista, muitas vezes tacanha e de tintas stalinistas, e em segundo um outro tipo de historiografia que tende a reduzir o ofício do historiador ao acúmulo de dados que falaria por si mesmos, seja no campo político, das idéias ou econômico. Uma história algo descarnada, onde faltam os homens. Uma história que, de certa forma, já era combatida por Lucien Febvre uns dez anos antes da Guerra da Espanha.



Dentro desse quadro, falar de utopismo chega a ser, aos olhos de certo autor, igualar a historiografia burguesa à marxista. Autores de ambas as correntes que defini acima parecem irmanar-se quanto ao volume de erros e acertos de cada um; mas se não me é possível oferecer um terceiro tipo de análise historiográfica, gostaria ao menos de indicar algumas possibilidades alternativas de abordagem. E isto pode ser feito pela utilização, enquanto referências teóricas, de autores ainda não experimentados na análise do anarquismo espanhol.

Meu interesse pelo drama espanhol vem de longa data, sendo anterior, mesmo, ao meu ingresso na universidade. Ao optar pelo tema, deparei-me com um acúmulo fantástico de livros, artigos e teses. Então, o que fazer? Seguir o caminho já trilhado por tantos, tentar uma análise dos "fatos" seguida por breve estudo conjuntural (como faz Pierre Vilar no curto texto que analiso embora não ao longo de sua obra principal), fazer uma história diplomática e factualmente precisa (Hugh Thomas), um livro de impressões (Gerald Brenan o fez, mas ele estava lá e eu não), um panfleto (Frank Mintz) ou um vomitório de erudição arquivística (Antonio Bar)? Ou tentar algo mais simples, porém mais original, como estudo da percepção da mentalidade utópica dos anarquistas espanhóis tal como percebida pela historiografia, ou antes, por alguns autores que abordaram o tema?<sup>2</sup>

Nos autores estudados, busco pontos de contato com a minha visão pessoal do problema; parece-me bastante clara, hoje, a atitude mental do operariado espanhol vinculado à

---

<sup>2</sup> Frank Mintz. *L'autogestion dans l'Espagne révolutionnaire*. Paris: François Maspero, 1976. P.16. Assim se refere o autor aos historiadores "oficiais": "Quanto aos historiadores oficiais, ou seja, burgueses, é normal que, enquanto autoritários, sua abordagem se pareça com aquela dos marxistas".



CNT (*Confederación Nacional del Trabajo*, central sindical anarquista). Trata-se de uma atitude inequivocamente revolucionária, utópica e com fortes traços de milenarismo. Quando afirmo que são esses os elementos que busco nos autores de que trato, não significa que esteja atrás de anuências, mas sim que busco denominadores comuns entre todos eles entre si e em relação a mim. Assim, a respeito do milenarismo Brennan parece ser o primeiro a identificá-lo no anarquismo espanhol, Thomas o repete e Mintz rechaça-o na sua análise.

Devo agora fazer duas breves advertências ao leitor. Em primeiro lugar, fala-se muito de uma Revolução Espanhola; mas após o estudo das minhas fontes sou levado a admitir que não descobri o que foi isto. Ocorreram, decerto, eventos revolucionários na Espanha em 1936<sup>3</sup>. Mas considero incorreto reduzi-los a uma única atitude mental, um único ideário mais ou menos nuançado por parte de seus atores, os homens da revolução. Temos pelo menos três programas revolucionários atuando simultaneamente: o do *Partido Obrero de Unificación Marxista* (POUM), partido de extrema-esquerda e que, conforme o autor, podemos ou não rotular de trotskista (apesar do próprio Trotsky haver negado qualquer ascendência sobre o movimento); o da *Unión General de los Trabajadores* e do partido que lhe corresponde na arena das siglas, o *Partido Socialista Obrero Español* (que serão daqui para frente apenas UGT e PSOE, respectivamente), e por fim o da CNT, que é em certa medida objeto desta monografia, pois dele falam os autores abordados. Sem sombra de dúvida, os três são programas de caráter revolucionário; suas diferenças serão melhor explicitadas

---

<sup>3</sup> Entrar aqui na natureza é definição de "evento revolucionário" seria desnecessário - a acepção que dou ao termo não é senão a do senso comum.





no decorrer do texto. A outra advertência refere-se aos outros programas não-revolucionários em pauta na mesma época: o dos rebeldes (programa que possuía mais nuances do que os historiadores geralmente gostam de admitir), o dos republicanos espanhóis (que apesar de sua pouca força e representatividade conseguiram dar seu nome ao espaço geográfico sobre o qual nosso drama se desenrola) e principalmente o do PCE. Este último, pelo volume de pessoas e de ações que alcançou, deve ser tomado como paradigma de comparação com o programa da CNT, que ao menos nos estágios iniciais da guerra mobilizou contingentes significativos. Além disso, a historiografia de diferentes tendências tende a isentar os comunistas pela derrota, preferindo atribuí-la à divisão no seio da esquerda espanhola, com ênfase especial no caráter irreduzível e retrógrado de anarquistas e trotskistas.

Feitas estas advertências, gostaria de deixar no ar uma especulação acerca das possibilidades de construção utópicas do anarquismo espanhol, houvesse a guerra tido outro desfecho. A natureza dessa especulação e suas motivações, deixo a cargo de Ernst Bloch (novamente!); o autor alemão define o "ainda-não-ser", categoria chave para se entender o movimento dialético do velho em direção ao novo, como sendo composto de dois outros elementos, o "ainda-não-consciente" e o "ainda-não-atualizado". O "ainda-não-consciente" estaria mais presente na juventude, na transição do tempo e na produtividade. Vejamos o que diz Bloch acerca da primeira:



*A juventude está cheia de consciência do futuro: há algo em nós. Temos toda uma vida pela frente. Isso é a juventude, ao menos se o rosto não lhe escorreu para a nuca. A juventude autêntica tem tudo diante de si e põe mãos à obra. Ainda independente dos conteúdos do novo, ela se lhe consagra<sup>4</sup>.*

Com isto espero ter encerrado esta breve introdução e gostaria aqui de deixar registrado o meu agradecimento a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho: antes de mais nada a meu pai, Luiz Camillo Dobroruka, patrocinador fiel e compreensivo numa empreitada que oferece muitas despesas e poucas recompensas materiais; a Angel Bañuls Delgado e Francine Amorim de Lemos Ribeiro, pois sem seu conhecimento de línguas muitos textos não teriam sido lidos; ao orientador desta monografia, Prof. Antônio Edmilson Martins Rodrigues, pela orientação e profundo conhecimento do tema: mais de uma vez ele me recolocou no caminho certo. O Prof. Marcelo Jasmin foi inestimável em toda a parte teórica; seus seminários e conselhos informais ajudaram a definir com precisão muitos termos. Aos colegas, professores e funcionários do Departamento de História da PUC-RJ devo meus melhores agradecimentos; de seu convívio de mais de quatro anos este trabalho é o resultado (ao menos os seus eventuais méritos, não suas imperfeições). Em particular, devo agradecer a Thomas Ferdinand Heye pelos bons conselhos e paciência na leitura; a Pedro Kroupa pela gentileza na indicação e empréstimo de livros, mas principalmente por compartilhar comigo a crença no sonho; a Alexandre

---

<sup>4</sup> Ernst Bloch. "O homem como possibilidade" in: *Tempo Brasileiro* 5, 1965. O texto é a transcrição de uma conferência improvisada em Viena no ano anterior à sua publicação no Brasil.



Nordskog, por haver me apresentado à obra de Ernst Bloch; e a Christiane Andrea Blatter, por haver plantado a semente.

Vicente Dobroruka

Rio de Janeiro, 20 de junho de 1993.



## **CAPÍTULO 1 - QUADRO CONCEITUAL**

Com o intuito de clarificar as terminologias que serão utilizadas daqui para frente, este capítulo ocupar-se-á com uma série de definições. São termos sobre os quais há vastíssima literatura; todavia, meu propósito é fazer um estudo monográfico da imagem que fizeram a Revolução Espanhola alguns grandes autores historiográficos, e não uma análise exaustiva de conceitos como "ideologia", "utopia", "escatologia", etc. Permitti-me, então fazer uma seleção prévia de autores que entendo serem fundamentais para as definições.



## 1. Utopia

Os autores que não fugiram da discussão sobre o que vem a ser utopia depararam-se com um problema fecundo mas de difícil abordagem: afinal de contas, tanto o marxismo quanto o anarquismo, as duas grandes correntes de militância esquerdista dos últimos 120 anos, sempre evitaram o termo. O marxismo por estar intoxicado de um positivismo que tende a desvalorizar o que não for "científico", o anarquismo por ser tão freqüentemente acusado de utópico num sentido que não é o original da palavra mas que hoje chegou a suplantá-lo - o sentido de quimérico. Mesmo assim, houve autores que conceituaram o termo com a precisão que se faz necessária aqui - utilizaremos, dentre estes, Ernst Bloch e Karl Mannheim.

### 1.1 A heresia blochiana

Ernst Bloch, pensador marxista heterodoxo (e como tal expulso da DDR que ele próprio havia ajudado a construir), conseguiu, de forma magistral, fugir de alguns dos erros mais comuns da *doxa* marxista - considerar o "utópico" como construção ideológica e o real como objetivamente apreensível. Ao contrário, para Bloch é o sonho que estrutura o real, pois este não é um dado pronto, acabado; ao contrário, ele só se materializa subjetivamente, no indivíduo. O real não se pode conhecer mas se pode pensar<sup>5</sup>. Num mundo que não está determinado *a priori*, tudo pode ter lugar, abrindo espaço para um conceito fundamental: a esperança. Só o real pode ser submetido ao escrutínio da razão rigorosa, mas a atividade transformadora do homem não se limita a ele, até porque é o sonho que o conforma;

---

<sup>5</sup> Bloch, "O homem como possibilidade", p.21.



notável inversão do postulado "reacionário" [sic] de Hegel, "todo o real é racional"<sup>6</sup>.

Mas o sonho que pode transformar o mundo não é indeterminado; em princípio, é a dialética que pode fazê-lo. Bloch chega a falar muito mal do anarquismo, a negá-lo como forma não-autêntica de sonho - e a apoiar Stalin com base em argumentos abstrusos. Ao contrário dos marxistas ortodoxos, que tendem a ver cada etapa do processo histórico completa e fechada em si mesma (e daí falar-se em transições do "feudalismo" para o "capitalismo" ou entre outros modos de produção, Ernst Bloch apercebeu-se de que toda a realidade histórica nada mais é do que processo contínuo, de devir;

*compreender o que foi, significa apreender alguma coisa não como foi, no seu ter sido. Significa apreendê-la como o tornar-se de um processo, que ainda não alcançou sua meta*<sup>7</sup>.

Quais as raízes antropológicas deste sonho aperfeiçoado em esperança? Surpreendentemente singela a resposta de Bloch: a fome. O homem tem necessidades, e para elas desperta ao perceber a possibilidade de satisfazer seu apetite. Todavia, a sede, muito mais vital, não se presta à comparação blochiana; o imediatismo na sua satisfação impede o sonhar tão característico do faminto que, além de encontrar alimento, deve também prepará-lo<sup>8</sup>. Ao conjunto das "fomes" do homem (fome psíquica, sexual, afetiva, econômica, etc.), Bloch deu o nome de "desejo"; são eles, impulsionando o homem em direção àquilo que ele ainda não é

---

<sup>6</sup> Idem, p.22.

<sup>7</sup> Idem, p.23.

<sup>8</sup> Pierre Furter. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. P.79 ss. A idéia de que é porque o homem tem fome que ele elabora utopias é corroborada por Antonio Cândido e Roger Bastide, entre outros.



ou ainda não possui, que irão instituir o devir. O sonho (acordado, bem entendido, pois Bloch desconfia bastante da psicanálise, ainda que por motivos bem diversos dos dos ortodoxos) é um esboço tosco daquilo que será a utopia, pois o sonho individual sempre prevê um mundo em que serei feliz, terei minhas necessidades plenamente satisfeitas, me realizarei enfim; mas é bom lembrar que para Bloch, a emancipação do homem só é possível através da emancipação de todos os homens. Não há libertação individual, ainda que nossa vida só possa seguir para frente através desses pequenos sonhos acordados; há, isso sim, a libertação coletiva ou a escravidão perpétua.

Construir um mundo dessa forma requer a ciência, pois esse ele é visto como tarefa, e ousado dizê-lo, tarefa essencialmente da modernidade: para Bloch, "o velho não quer passar, o novo não quer chegar" em épocas precisas da História: a Renascença, o séc.XVIII e o nosso tempo, são os principais instantes "prenhes do novo"<sup>9</sup>.

A utopia para Bloch é, em seus próprios termos, "fim e começo", é não apenas aquilo que deve ser alcançado pelos homens mas também aquilo que os motiva já a partida. Abstraindo-se o componente stalinista de seu pensamento e de seus atos, temos nas idéias de Bloch um grande número de paralelos com os anseios dos revolucionários espanhóis de 1936. Todavia, quero deixar bem claro que não pretendo transformar Bloch em algo que ele nunca foi, ou seja, um anarquista, mas apenas utilizá-lo enquanto profeta (ateu) da utopia, designação que certamente pode lhe ser atribuída.

---

<sup>9</sup> Bloch faz exceção à Antigüidade greco-romana, mas a Renascença é, afinal de contas, quase sempre entendida como uma releitura ou um reaproveitamento da herança clássica. Bloch não o afirma, mas pessoalmente creio que esta também fosse a sua visão. Cf. Bloch, "O homem como possibilidade", p.25.



## 1.2. Utopias x ideologias

A distinção acima pode parecer supérflua, nos dias de hoje, em se preconizar o pragmatismo necessário de qualquer solução possível para os impasses gerados pela modernidade. Todavia, seu autor, Karl Mannheim, a explicita muito bem<sup>10</sup>, definindo que "um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre"<sup>11</sup>. À semelhança de Bloch, Mannheim somente considera utópicas aquelas posturas capazes ou desejosas de transformações; as demais são ideológicas, por permanecerem ao nível da realidade existente<sup>12</sup>. Assim, acaba-se identificando a utopia com a revolução e a ideologia com a reação, já que as ideologias jamais conseguem de fato a realização de seus conteúdos pretendidos; as utopias também transcendem a situação social, mas apresentam elementos que dada situação histórica ainda não contém<sup>13</sup>. As semelhanças com a análise de Bloch saltam aos olhos, mas há uma diferença fundamental: Bloch sempre foi um militante (ou melhor, um "otimista militante"), enquanto que a análise de Mannheim se pretende muito mais isenta, incorporando elementos de Dürkheim e Weber (além de Marx, é claro), e pretendendo um tipo de cientificidade que Bloch teve a inteligência de detectar como falido<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> Em seu livro *Ideologia e utopia*, do qual utilizarei apenas a parte IV, "A mentalidade utópica", Mannheim expõe muito bem suas idéias acerca da distinção entre os termos que dão título à obra, ainda que num estilo bastante desagradável. Cf. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

<sup>11</sup> Idem, p.216.

<sup>12</sup> Idem, p.219.

<sup>13</sup> Id. ibid.

<sup>14</sup> Como se sabe o marxismo tem como um de seus componentes (em elevada proporção) o positivismo, cuja noção de ciência já foi suficientemente criticada. Bloch ataca com veemência a idéia positivista do "real" como dado acabado, como nesta passagem: "Tomar as coisas como são, não é uma fórmula empiricamente exata. Não é positivismo. É uma fórmula de vilania, de covardia, de mesquinaria. O que são as coisas - estes





Os grupos dominantes é que determinam o que é ou não utópico em cada época; evidentemente, para Mannheim o que é utópico hoje já não o será amanhã. As utopias, se temporais, chamam-se quiliasmas, e de utopias apenas se espaciais<sup>15</sup>. A utopia não surge do nada, mas, ao contrário, está sempre vinculada a uma historicidade. Daí Mannheim propor uma tipologia das utopias, que segundo ele podem se dividir em quatro tipos, embora apenas o primeiro e o quarto nos interessem aqui.

O primeiro "tipo" de utopia, o quiliasma orgiástico dos anabatistas, é considerada por Mannheim como ancestral dos movimentos revolucionários contemporâneos<sup>16</sup>. Estranhamente, Mannheim dedica algumas páginas de sua análise a demonstrar exatamente o oposto; por exemplo, a explosão dos anabatistas teria sido causada não por um ideário mais ou menos coerente, mas por "energias [sic] extático-orgiásticas"<sup>17</sup>; ou então que a ânsia quiliástica de transformação é algo que não é racionalmente construído, mas que constitui um fim em si mesmo. Essa fúria destruidora encontraria paralelo na frase famosa de Bakunin: "A vontade de destruir é uma vontade criadora". O paralelo não convence, nem Mannheim explica o que vêm a ser essas "energias" extático-orgiásticas. O imediatismo dos anseios quiliásticos também dificilmente encontraria

---

momentos num processo que chamamos fatos? Estão fluindo". Cf. Bloch, "O homem como possibilidade", p.17.

<sup>15</sup> A utilização desses termos por Mannheim não me parece clara: "quiliasma" não possui qualquer relação especial com a idéia de tempo; a etimologia da palavra indica sua origem no grego *kilo*, que significa "mil" (1000). Daí ser "quiliasma", normalmente, sinônimo de "milenarismo", a doutrina que, conforme a escatologia cristã, afirma virem tanto o Apocalipse quanto a bonança que se lhe seguirá mil anos após o nascimento de Cristo. Essa cifra é normalmente entendida num sentido figurado, significando apenas um grande período de tempo.

<sup>16</sup> Uma análise bem mais convincente dessa tese pode ser encontrada em Ernst Bloch. *Thomaz Münzer teólogo da Revolução*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

<sup>17</sup> Mannheim, op.cit. p.237.



paralelo na paciência com que muitos revolucionários modernos aguardam a revolução, muitas vezes preparando-lhe o caminho através do apoio à burguesia e da promoção de revoluções burguesas (como seria o caso do PCE).

Não obstante, a preocupação material dos anabatistas, em especial de Thomaz Münzer, com a sorte dos camponeses e a distribuição da propriedade fornecem outros tantos pontos de contato com o ideário revolucionário contemporâneo<sup>18</sup>.

Oposto ao imediatismo do quiliasma, o quarto tipo de utopia classificado por Mannheim, a utopia socialista-comunista, distancia deliberadamente o futuro em que todos os homens serão iguais<sup>19</sup>, e negligencia como "utópicas", no sentido de "ideológicas" as especulações nesse sentido<sup>20</sup>. Mannheim afirma que o confronto entre Marx e Bakunin na Primeira Internacional "representou, na prática, o fim do utopismo quiliástico"<sup>21</sup>. Tal afirmação é altamente discutível, mas ao se tomar a Espanha como objeto de estudo (o que é o nosso caso), torna-se valiosa: permite, de forma clara, fazer um recorte da especificidade da situação do movimento operário espanhol e verificar a permanência de elementos quiliásticos na mentalidade dos militantes da CNT. Se tomamos o anarquismo de Bakunin como sendo último representante do quiliasma revolucionário (e Bakunin é, indubitavelmente, o "pai" do anarquismo moderno, mais do que Proudhon, que divulgou o termo), então temos a permanência desse tipo de postura política não até o final do séc.XIX, na Primeira Internacional, mas até 1939, com o fim da Guerra Civil Espanhola.

---

<sup>18</sup> Para uma análise das questões do direito e da leitura revolucionária da Bíblia ver Bloch, *Thomaz Münzer*, p.111 ss. e p.124 ss.

<sup>19</sup> Mannheim, op.cit. p.263.

<sup>20</sup> Assim já faziam Marx e Engels no *Manifesto comunista*, ao afirmarem que os utópicos repudiavam toda e qualquer ação revolucionária; Mannheim emprega o termo "utópico" exatamente no sentido oposto.

<sup>21</sup> Mannheim, op.cit. p.267.



Fora essa "sobrevivência" espanhola, se continuarmos a seguir Mannheim<sup>22</sup>, veremos que a atitude utópica tende a desaparecer. Evidentemente,

*[...] muitos dos elementos que constituíam a atitude quiliástica foram transmutados e se refugiaram no sindicalismo e no bolchevismo, sendo assimilados e incorporados à atividade destes movimentos<sup>23</sup>.*

No mundo de hoje (para Mannheim, as décadas de 20 e 30), tanto as utopias quanto as ideologias tendem a desaparecer, ou seja, as doutrinas que transcendem o real perdem espaço; e a grande crise do entendimento histórico contemporâneo, decorrente do fim dessas atitudes, é que, nos termos de Mannheim, toda vez que a utopia desaparece "a história deixa de ser um processo que conduz à um fim" - ou seja, perde o sentido. Mannheim coloca a questão da utopia com muito mais moderação do que Bloch, mas resume-a de forma semelhante à que este o faria; para Mannheim, a questão do quê o futuro nos reserva põe a nu a estrutura da compreensão histórica; "a única forma em que o futuro se nos apresenta é a da possibilidade". De novo vemos que o real não se esgota no imediato; de certa forma, também para Mannheim a utopia é começo e fim ao mesmo tempo.

---

<sup>22</sup> O qual, evidentemente, não fala da Espanha, sendo a analogia de responsabilidade inteiramente minha.

<sup>23</sup> Mannheim, op.cit. p.272.



## 2. Anarquismo

Por "anarquismo" entendo o conjunto de práticas políticas anti-estatais, anti-capitalistas e revolucionárias emergentes das discussões teóricas da Primeira Internacional bem como o pensamento político que pode ser considerado originário, *strictu sensu*, das idéias de Pierre-Joseph Proudhon. Como esse anarquismo toma forma e combatividade características, é o que veremos a seguir.

### 2.1. O bakuninismo

Referindo-se à Mikhail Bakunin, o grande revolucionário russo do século XIX, já disse Gerald Brenan que "[...] tudo de importante no anarquismo espanhol tem sua origem nele"<sup>24</sup>. A pergunta que se coloca é se isso seria verdadeiro apenas em relação ao anarquismo espanhol.

Como prática política, esse anarquismo inicial, "bakuninista", caracteriza-se por grande intransigência quanto aos fins, embora seja enquanto sistema de pensamento bastante vago em relação aos meios. Isto significa dizer que, ao mesmo tempo em que um bakuninista convicto jamais concordaria em tomar parte num ato insurrecional que não tivesse por fim a "emancipação total e imediata do proletariado", provavelmente se mostraria bastante indeciso quanto ao veículo mais adequado para a consecução desse fim. Como criar um mundo novo e perfeito à partir das ruínas da corrupção? Através da revolução espontânea das massas? Dos atentados à bomba? Das greves?

Por outro lado, em termos de projeto econômico, esse bakuninismo mostra-se surpreendentemente claro. Pretendendo

---

<sup>24</sup> "[...] everything of importance in Spanish anarchism goes back to him". (trad. do autor). Cf. *The Spanish Labyrinth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. P.132.



a posse coletiva dos meios de produção e a apropriação dessa mesma produção de acordo com a "capacidade" de cada um, um outro nome para essa doutrina poder ser "coletivismo", contraposta a suas sucessoras e opositoras, o anarco-comunismo de Kropotkin e o anarco-sindicalismo. Por vezes, os três se fundem no ideário espanhol, conferindo-lhe seu caráter específico.

## 2.2. O anarco-comunismo de Kropotkin

Como postura efetiva e atuante, o anarco-comunismo nunca foi aceito "oficialmente" na Espanha (ou seja, nunca foi a doutrina oficial da CNT); todavia, pela influência exercida desde o início de sua formulação, vale a pena determo-nos um pouco sobre suas propostas.

Woodcock ressalta a complementaridade entre Bakunin e Kropotkin, postura que me parece bastante polêmica tendo em vista as inúmeras diferenças de temperamento e de idéias entre um e outro; mas não irei polemizar em torno dessa abordagem. O que importa aqui é ressaltar que Kropotkin, com sua postura pessoal puritana e pacifista (afinal, apesar de admitir a violência como etapa necessária à emancipação dos homens, Kropotkin em momento algum manifesta o entusiasmo pelo apocalipse de fogo e sangue que tanto seduzira Bakunin e jamais chegou a empunhar armas numa barricada, como ele passou boa parte de sua vida a fazer), difere radicalmente de Bakunin também sob o ponto de vista da organização do consumo e produção da futura sociedade.

Se Bakunin segue uma tradição que nos remete à Proudhon e confere a cada indivíduo um produto decorrente não de suas necessidades, mas de acordo com sua capacidade produtiva, Kropotkin vai mais além e se aproxima das posturas "modernas" marxistas, afirmando que o indivíduo



deve se apropriar não daquilo que produziu, mas daquilo de que necessita. Tal postura certamente decorre do caráter "espartano" de sua própria vida pessoal, em que pese sua origem nobre e toda a sua erudição e cultura<sup>25</sup>; apesar disso, não foi ele o primeiro a formular tal idéia nos artigos que escreveu para o jornal *Le révolté*, na década de 1870 ou no livro *A conquista do pão*. George Woodcock afirma, aparentemente com razão, estarem elas já presentes na *Utopia* de Thomas More, na *Cidade do Sol* de Campanella, em Gerrard Winstanley no séc.XVII e nos falanstérios de Fourier.

A chave da organização da sociedade num tal esquema produtivo seria a comuna; levando-se em conta o fato de Kropotkin estar escrevendo primordialmente para franceses na época, entendemos mais facilmente o que ele desejava comunicar. Para o camponês da França, a comuna tanto pode ser a unidade administrativa que lhe é mais próxima como também é uma palavra carregada de um sentido revolucionário, evocando aquelas comunas parisienses de 1793 e 1871<sup>26</sup>. Este, ao menos, parece ser o único ponto de contato com o programa espanhol da CNT, quase sessenta anos depois.

---

<sup>25</sup> George Woodcock. *Anarquismo - uma história das idéias e movimentos libertários*. Porto Alegre: L & PM, 1983. Vol. 1, "A idéia". Pp.169 e 177.

<sup>26</sup> Idem, p.177.



### 3. Anarquista / Libertário

Anteriormente, disse que entendia "anarquismo" como sendo o termo pelo qual se designa comumente as posturas e práticas políticas originadas no quadro da Primeira Internacional, mas que pode ter sua paternidade atribuída à Proudhon<sup>27</sup>. Com isso procuro evitar a confusão, infelizmente cada vez mais comum, entre os termos "libertário" e "anarquista"<sup>28</sup>.

Portanto, quem quer que tenha achado a definição anterior estrita demais pode se tranquilizar: pois ao se separar os dois termos, podemos estender as origens do primeiro, se quisermos, até Zenão, Lao-Tsé<sup>29</sup> ou, caso se prefira, até à Bíblia<sup>30</sup>.

Como o próprio nome indica, os termos "libertário", "ideologia libertária", etc. estão intimamente ligados à idéia de liberdade; dessa forma, o seu antônimo mais preciso seria "autoritário" (tais distinções vocabulares ocorreram, de fato, no quadro das discussões da Primeira Internacional). Essa "liberdade" significa em primeiro lugar um reconhecimento das limitações do Homem, que por sua vez podem carregar juízos de valor positivos (Deus, para os cristãos; a fraternidade e o respeito ao próximo, para os ateus e agnósticos) ou negativos (Deus, para os anarquistas ateus, individualistas e outros; o Estado, para

---

<sup>27</sup> Embora o uso da palavra seja bem anterior, remontando à Revolução Francesa (cf. Woodcock, op.cit. p.45 ss.); todavia, no sentido que o termo adquiriu em nosso século e no século XIX, manteremos essa definição mais estrita.

<sup>28</sup> Para uma advertência útil e uma distinção clara, cf. Antonio Bar. *La CNT en los años rojos*. Barcelona: Akal / Universitaria, 1980. P.11 ss.

<sup>29</sup> Woodstock, op.cit. p.32.

<sup>30</sup> Norman Cohn. *Na senda do milênio*. Lisboa: Presença, 1981. Pp.15-21. Em relação ao caráter libertário da palavra bíblica, tem-se inúmeros escritos, desde os mais ingênuos e tendenciosos, como o de Anibal Vaz de Melo. *Cristo, o maior dos anarquistas*. São Paulo: Piratininga, 1956, até trabalhos acadêmicos da maior seriedade, como os de Cohn e os de Bloch para citar apenas dois exemplos.



todos; o dinheiro e a ganância, para quase todos os que professam o credo libertário). São precisamente essas limitações que, se de um lado podem constituir a própria grandeza do homem, como no caso da frugalidade da vida baseada em comunidades fundadas no amor fraterno e simples, podem também constituir, aos olhos dos libertários, toda a fonte do amesquinamento humano: o Estado com suas instituições (às quais já foram associadas até mesmo tabacarias e bordéis)<sup>31</sup>, a propriedade privada e a opressão que dela advém, a riqueza que gera o luxo e a corrupção; os códigos morais, que visam hipocritamente a que o homem aparente ser algo que nunca foi. É contra todas essas limitações que alguns homens vêm se colocando há séculos; nesse sentido, podemos chamar de libertários todos aqueles que tiveram posicionamento crítico e anseios de mudança em relação às instituições acima citadas. Podemos chamar de libertários, mas não de anarquistas, a Lao-Tsé, a Zenão e a Jesus Cristo, e podemos considerar tanto a Bíblia como o *Tao-te-king* escritos libertários.

Em segundo lugar, os libertários crêem, necessariamente, que superando-se todas essas limitações o livre-arbítrio será mais eficiente do que as anteriores formas coercitivas. Assim, em lugar do matrimônio monogâmico, uno, indissolúvel e sancionado pela lei, um libertário preferirá o "amor-livre" (embora normalmente um anarquista prefira o oposto<sup>32</sup>); ao invés de punir um criminoso, preferirá, quase sempre, redimi-lo; e muitas

---

<sup>31</sup> Quem faz a associação é Kropotkin, com seus característicos pudores em relação ao vício e aos excessos da carne. Esse tipo de "puritanismo" é freqüentemente apontado como um dos elementos conservadores do anarquismo, e ninguém, nos dias de hoje, ousaria responsabilizar o Estado pela manutenção das tabacarias, nem mesmo naqueles países em que o tabaco é monopólio estatal, ou pela prostituição, mesmo na Suécia. Cf. Piotr Kropotkin. *Textos escolhidos*. Porto Alegre: L & PM, 1983. P.54.

<sup>32</sup> James Joll. *Anarquistas e anarquismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1977. P.275.





vezes optará por uma vida espartana à prodigalização dos luxos aos quais, por vezes, tem acesso<sup>33</sup>.

Com base nos dois postulados discutidos nos parágrafos anteriores, podemos afirmar que, por comparação, o anarquismo é muito mais "moderno" do que o pensamento libertário; este, se é revolucionário por suas proposições, é por assim dizer conservador em seus anseios e principalmente em relação às fontes sobre as quais sua autoridade se apóia. Evitando os excessos dos juízos de valor, ousaria falar de um "arcaísmo" inerente às doutrinas libertárias e de um conseqüente "modernismo" associado ao pensamento anárquico. Como veremos mais adiante, ambos os elementos se associam no presente objeto de estudo, podendo mesmo variar de região para região da Espanha. Não irei aqui me deter na análise da medida em que o anarquismo espanhol se compõe de ambos, visto que os capítulos seguintes se propõem a fazê-lo.

---

<sup>33</sup> Brenan, op.cit. p.157.



#### **4. Elementos "residuais" localizáveis no anarquismo espanhol**

Esses elementos normalmente são consenso entre os historiadores da matéria (à exceção dos mais radicais, como Frank Mintz, que preferem se apoiar exclusivamente na especificidade "contemporânea" do anarquismo, talvez para não terem de lidar com as críticas que o rotulam de conservador em função das permanências que lhe são atribuídas), e consistem em traços de milenarismo, e de posturas profundamente moralistas. Talvez Brenan tenha sido o primeiro a enveredar pela trilha da associação anarquismo espanhol / apostolado cristão, realçando a semelhança entre os anseios milenaristas medievais e aqueles dos anarquistas espanhóis. A comparação no meu entender é válida - por quê?

O milenarismo, como o seu próprio nome indica, é uma crença que periodiza a história, pelo menos em duas épocas bem distintas. Ao mundo de hoje, corrupto, decadente e imoral, sucederá outro, todo ele eqüidade e justiça. Tal poderá ocorrer mil anos após a morte de Jesus Cristo, ou a qualquer momento, e então esse "reino dos Céus" pode durar mil anos, aqui na Terra (evidentemente, não se precisa tomar essa cifra ao pé da letra, significando, normalmente, apenas um grande lapso de tempo). O messianismo se assemelha ao milenarismo, com a diferença de que, nele, a presença de um messias galvanizador e condutor do movimento é fundamental. Ora, quais desses elementos se detectam no movimento operário espanhol de tendência anárquica?

A tomarmos por base a definição proposta por Norman Cohn, o milenarismo apresenta, normalmente, as seguintes características: a salvação que ele propõe deve ser



coletiva, terrena, iminente, total e miraculosa<sup>34</sup>. Excetuando-se (talvez) o último elemento, os demais encaixam-se bem nas posturas, anseios e ideário anarquistas do período - ou senão, de que outra forma se pode explicar a crença de que, após a revolução social, os homens voltarão a ser amigos dos animais e falarão a sua língua, ou então de que os alimentos serão comidos diretamente da terra, sem necessidade de cozimento, como aponta Brenan<sup>35</sup>? Além disso, esse tipo de postura não se vincula apenas à miséria de dada situação social; como observa Cohn, o milenarismo e os movimentos apocalípticos revolucionários não obtém ressonância entre os pobres em geral, mas apenas entre aqueles desenraizados, vítimas momentâneas de alguma catástrofe ou de alguma alteração profunda e súbita em seu *modus vivendi*<sup>36</sup>. Tal era o caso, em se tratando da Espanha, das populações miseráveis da Andaluzia; na Catalunha, onde predominava outro tipo de estrutura fundiária e a classe trabalhadora já era bem numerosa nas fábricas de Barcelona, o milenarismo por assim dizer se diluiu, adquirindo contornos mais "modernos" - embora, em meu entender, continue a ser válido falar-se de milenarismo em relação ao movimento anarquista espanhol, bem como rotular seu discurso de escatológico: o quê mais podem ser os anseios alucinados de Bakunin pelo fogo que destruirá o velho e decadente mundo, ou os manuais de construção de bombas, tão freqüentes no final do século XIX? Segundo a distinção proposta pelo teólogo protestante Rudolf Bultmann, seria escatológica toda a circunstância que colocasse o homem perante uma decisão a tomar<sup>37</sup>. O discurso bultmaniano

---

<sup>34</sup> Cohn, op.cit. p.11.

<sup>35</sup> Brenan, op.cit. p.157.

<sup>36</sup> Cohn, op.cit. p.12.

<sup>37</sup> Jacques Le Goff. "Escatologia" in: *Enciclopédia Einaudi*. Vol.1, "Memória-História". Lisboa: INCM, 1984. P.426.



refere-se, primordialmente, às decisões individuais que cada homem vai tomando ao longo de sua vida; mas pode muito bem ser aplicada à discursos de maior alcance social, em que grupos de homens são colocados, coletivamente, frente à situações decisórias. A própria necessidade da revolução como elemento à partir do qual o "velho e podre mundo" se transformará pode ser vista como resíduo de uma fé cristã que também necessita de uma segunda vinda de seu fundador para libertar definitivamente os homens<sup>38</sup>.

Por fim, devemos analisar o caráter fervorosamente moralista do movimento anarquista espanhol: ao contrário do marxista, o anarquista típico atribui enorme importância à moral do cotidiano. Não fumar, não beber e ter postura sexual "reta" são crenças comuns entre os anarquistas, mesmo nos dias de hoje<sup>39</sup>. Ora, esses são elementos inequivocamente moralizantes, e de um tipo de moral que, queiramos ou não, se assemelha à moral burguesa, apenas "colocada sobre seus pés" e transformada em crítica à esse mesmo mundo burguês. Uma espécie de ascese que não tem por fim o acúmulo capitalista, mas um outro tipo de libertação, aparentemente mais laicizada, é verdade, mas que pode incorporar muito mais elementos religiosos do que sua prima-irmã, a ascese burguesa tal como percebida por Weber.

---

<sup>38</sup> Muitos já demonstraram o quê há de permanente e de ruptura no ateísmo ocidental em relação ao curso da história; foge totalmente ao âmbito dessa monografia discursar sobre tal tema, mas gostaria de ressaltar a grande tese a respeito de Karl Löwith. *O sentido da história*. Lisboa: Ed. 70, 1991.

<sup>39</sup> Se também encontramos, no seio do movimento anárquico, elementos que se caracterizam pelo desregramento, pelos excessos ou por práticas contraculturais, como o consumo de drogas, é pelo mesmo motivo que apontamos em 2.3; a "fluidez" do ideário anarquista ou libertário é tal que admite ambas as posturas como autênticas. Contudo, parece-me ser a mais "autenticamente" anarquista aquela vinculada ao puritanismo de um Kropotkin do que ao desregramento de um Bakunin - que, ao fim ao cabo, possui muito do charme boêmio burguês que não está, de forma alguma, ao alcance das massas, que possuem um outro código de sexualidade e boemia (para este tópico, conferir Antônio Gramsci. "Americanismo e Fordismo" in: *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984).



O marxismo também se propõe uma "alternativa" àquilo que estamos chamando de "moral", por esta constituir para Marx uma construção ideológica, logo falseamento do real. Mas, como bem demonstra Steven Lukes<sup>40</sup>, isto só nos faz cair em outro tipo de moral. E, no final das contas, qual é o grande motivo que leva as pessoas à aderirem ao marxismo, ou a movimentos esquerdizantes em geral - não é sempre alguma questão de ordem moral? Como bem diz Lukes, "[...] negá-lo é realçar o componente positivista do marxismo"<sup>41</sup>. Ninguém adere a um movimento de emancipação, como o marxismo e o anarquismo, apenas pela verdade "científica" que eles podem conter; esta pode ser, no máximo, mais um argumento de autoridade para justificar a "conversão". De qualquer forma, importa aqui realçar o fato do marxismo não possuir uma teoria desenvolvida das obrigações morais, apesar de ser uma postura crítica/política inspirada por questões dessa ordem, admita-se isso abertamente ou não; já o anarquismo mostra-se muito mais transigente à esse respeito, por vezes assumindo claramente seu caráter moralizante<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> "Moral" in: Tom Bottomore (ed.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. P.270.

<sup>41</sup> Id. *ibid.*

<sup>42</sup> Para uma visão mais sistematizada de milenarismo e do messianismo, recomendo o já clássico trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus / Editora da Universidade de São Paulo, 1965.



## CAPÍTULO 2 - QUADRO HISTÓRICO

### 1. Origens do anarquismo espanhol: da Primeira Internacional até a fundação da CNT

Como breve introdução ao problema que coloco, cumpre apresentar uma rápida localização do movimento anarquista espanhol, suas origens e desenvolvimento, a fim de situar o leitor não familiarizado com o tema, embora quanto aos elementos essenciais dessa narrativa todos os manuais pareçam estar de acordo; devo apenas admitir que a obra chave para a compreensão da história social da Espanha nos séculos XIX e XX permanece sendo o livro de Gerald Brenan.

Em 1868, um italiano de nome Giuseppe Fanelli chegou à Barcelona com o intuito de verificar a receptividade ou não da classe operária espanhola às idéias socialistas; como enviado de Bakunin, devemos ter em mente que 1868 marca uma derrota deste para Marx na Internacional (Congresso de Bruxelas), o que havia confirmado a organização "autoritária" do movimento; assim, Bakunin teve de procurar outros campos para suas idéias.

Anteriormente à viagem de Fanelli, o movimento operário espanhol era desprezível tanto em termos quantitativos quanto organizacionais; o segmento mais radical desse movimento incipiente era um pequeno grupo de fourieristas liderados pelo jornalista Fernando Garrido, dono de um pequeno jornal<sup>43</sup>; havia também uma certa influência de Proudhon, mas sobretudo entre as classes médias. Essa influência se materializaria posteriormente no movimento federalista de Pi y Margall.

---

<sup>43</sup> Brenan, op.cit. pp.138-139.



Brenan fala da existência de apenas dois sindicatos de alguma importância, ambos na Catalunha, mas "[...] ambos eram debilmente liderados e organizados"<sup>44</sup>. Ironicamente, a primeira recepção à Fanelli, em Barcelona, não foi das mais acolhedoras, tendo ele seguido para Madrid. Lá, apesar de discursar em francês e quase ninguém compreendê-lo, encontra grande receptividade. Vejamos o depoimento de um dos futuros grandes líderes do movimento anarquista espanhol a respeito, Anselmo Lorenzo:

*Fanelli era um homem alto com uma expressão grave e bondosa [...] Sua voz tinha um tom metálico e era suscetível à todas as inflexões apropriadas ao que dizia [...] ele falava das dores dos explorados, como alguém que, mesmo sem sofrê-las, no entanto as entendia [...] Ele falava em francês e italiano, mas nós podíamos entender sua expressiva mímica e acompanhar seu discurso*<sup>45</sup>.

O discurso acima reproduzido ilustra bem o que seria a tônica das conversações ao anarquismo nos anos seguintes, e como o seu sucesso deu-se de forma muito mais rápida do que o do marxismo; Fanelli, mesmo sem dominar a língua, soube exprimir de forma clara as posições de Bakunin à respeito da revolução, graças ao seu magnetismo pessoal e à passionalidade de seu discurso. Por muito tempo os comunistas espanhóis estariam em desvantagem quanto ao carisma oferecido por seus expoentes, não possuindo em suas fileiras ninguém do porte carismático de um Albarracín, de um Ascaso ou de um Durruti. Após a despedida de Fanelli, as

---

<sup>44</sup> "[...] both were feebly led and organized" (trad. do autor). Id. *ibid.*

<sup>45</sup> "Fanelli was a tall man with a kind and grave expression [...] His voice had a metallic tone and was susceptible to all the inflexions appropriate to what he was saying [...] he spoke of the pains of the exploited, either as one who without suffering them understands them [...] He spoke in French and in Italian, but we could understand his expressive mimicry and follow his speech" (trad. do autor). Id. *ibid.*



conversões são feitas num volume e velocidade espantosos; aparentemente, os convertidos experimentavam um tipo de alegria sublime, como se seus olhos houvessem sido repentinamente abertos. A "palavra" viajou pela Andaluzia, e formaram-se grupos em Lora del Rio, Arahál, Arcos de la Frontera (Sevilha), até Cadiz e as cidades do Baixo Guadalquivir. O caráter milenarista do movimento atraía gente de todo tipo<sup>46</sup>. Portanto a paternidade do movimento espanhol me parece atribuível à Bakunin<sup>47</sup>.

Em relação ao marxismo, o anarquismo possuía a característica de se mostrar muito mais fervorosamente moralista<sup>48</sup>; para muitos anarquistas itinerantes da Andaluzia, ao final do século XIX, o próprio tabagismo constituía uma mácula na moral quotidiana<sup>49</sup>. James Joll fala do caráter puritano do anarquismo andaluz:

*Os verdadeiros anarquistas, especialmente na Andaluzia, nem fumavam nem bebiam, enquanto a sua moral sexual era muitas vezes extremamente escrupulosa. Assim homens como Salvochea, que ficou toda a vida celibatário, ou Lorenzo, que viveu feliz toda a vida com sua "compañera", apesar de não serem casados, estavam mais perto do espírito do movimento do que os praticantes do amor-livre, como Francisco Ferrer, embora também este tenha se tornado outro dos famosos mártires da esquerda espanhola<sup>50</sup>.*

Alguns atribuem esse caráter específico do movimento espanhol à um isolamento da Espanha em relação à Europa além-Pireneus (Woodcock), outros, como James Joll,

---

<sup>46</sup> Idem, p.141.

<sup>47</sup> Ainda que George Woodcock insista em fazê-la recuar até Proudhon; como o potencial revolucionário deste não engendrou nenhuma mobilização significativa do operariado espanhol, prefiro relacionar o surgimento do movimento operário espanhol em termos mínimos de combatividade às discussões da Primeira Internacional. Cf. Woodcock, op.cit. vol. 2, pp.78-80.

<sup>48</sup> Brennan, op.cit. p.131.

<sup>49</sup> Idem, p.157.

<sup>50</sup> Joll, op.cit. p.275.





consideraram que a Espanha ainda não tinha rompido totalmente os laços com o feudalismo e não havia ingressado na era do capital, ficando portanto fora do padrão de desenvolvimento de outras regiões européias<sup>51</sup>.

Além da análise das estruturas econômicas, deve-se também levar em conta, na análise da opção inicial espanhola pelo anarquismo, fatores ligados às estruturas mentais. Muitos autores já discorreram sobre o caráter sanguinário e violento do espanhol, bem como acerca da sua generosidade apaixonada; daí a idéia de que um povo já habituado de longa data ao fervor religioso da Igreja Católica não teria a menor dificuldade em adotar outro credo extremista, ainda que ateu<sup>52</sup>. A Igreja, principalmente após o séc.XVIII, deixara de responder às questões sociais postas por seu próprio ideário; e quando esta já estava institucionalmente mais do que enfraquecida ao fim do séc.XIX teve de enfrentar as idéias socialistas "de massa" em todas as suas vertentes pós-Primeira Internacional. Essas idéias passaram a responder de forma mais coerente, ainda que secularizada, aos anseios de igualitarismo e fraternidade, sempre constantes do credo cristão. De forma semelhante à da doutrina cristã, também o anarquismo possui a sua *doxa*, suas crenças básicas e seus pecados, seus mártires e até mesmo as suas heresias. E se a idéia de Deus é virtualmente eliminada no conjunto de crenças socialistas, Bakunin chegou um dia a admitir a imortalidade da alma como possibilidade<sup>53</sup>, enquanto Marx faz o seu modelo de processo histórico funcionar graças a agentes tão etéreos e impalpáveis quanto o Deus cristão.

---

<sup>51</sup> Idem, pp.265-266.

<sup>52</sup> Id. *ibid.*

<sup>53</sup> Wolfgang Dressen. *Antiautoritarismo y anarquismo*. Madrid: Anagrama, 1978. Pp.73-74.



Após o grande "cisma" de 1872, no Congresso de Londres, ficou claro que o movimento operário internacional teria, doravante, que optar entre uma organização "libertária" (Bakunin) ou "autoritária" (Marx). Após a visita de Fanelli, pode-se traçar o seguinte quadro: Woodcock afirma que as seções espanholas da Internacional contavam cerca de 15.000 membros no início de 1870, principalmente em Valencia, na Andaluzia e no norte da Espanha<sup>54</sup>. Brenan fala de 54 delegados no Congresso de Córdoba, ao fim de 1872, representando 20.000 membros<sup>55</sup>. Esse congresso realizou na Espanha aquilo que Bakunin já havia imaginado para a Internacional: os 54 delegados representavam membros espalhados por 236 federações locais e 516 sindicatos, número incrível se pensarmos nas cifras que apresentava o movimento operário espanhol apenas dez anos antes. Essas federações possuíam autonomia total e não estavam obrigadas a participar de nenhuma atividade se não se sentissem preparadas para isso. Até o fim esse sistema seria mantido: em 1936, a CNT possuía apenas um funcionário pago para toda a organização (que contava então, pelas cifras mais pessimistas, pelo menos 700.000 membros), e as federações locais continuavam a ter amplo grau de autonomia. Isto demonstra o quanto pode ser feito em termos de movimento sindical contando-se apenas com o tempo livre e boa-vontade dos militantes. Esse sistema permitia, além disso, a rápida dispersão do movimento em caso de repressão policial, ainda que reduzisse muito as chances de um levante geral eficaz.

Essa vigorosa autonomia daria origem à um episódio marcante naquele conturbado *fin-de-siècle* espanhol: a rebelião de Alcoy. Considera-se o levante de Alcoy como o primeiro ato revolucionário do proletariado espanhol (ou,

---

<sup>54</sup> Woodcock, op.cit. p.82.

<sup>55</sup> Brenan, op.cit. pp.144-145.



segundo outros, a primeira "atrocidade vermelha" na Espanha<sup>56</sup>.

Alcoy é uma pequena cidade situada entre Alicante e Valencia, cuja principal atividade econômica, ainda hoje, consiste na indústria de papel; à época, essa indústria empregava aproximadamente 8.000 pessoas. Ao ser deflagrada uma greve geral inspirada pelo anarquismo recém-introduzido, a prefeitura interviu ao lado dos patrões; os operários, liderados por um professor de nome Albarracín, venceram a luta e cortaram a cabeça do prefeito. Situado no quadro do movimento federalista espanhol da época, liderado pelo proudhoniano Pi y Margall, esse evento teria enorme repercussão na Europa, que erroneamente associou o movimento cantonalista ao anarquismo da Internacional. Engels escreveu um de seus textos mais conhecidos à respeito desse levante.

"Os bakuninistas em ação"<sup>57</sup> é uma pequena brochura que expõe de forma esquemática o que Engels achou por bem enumerar como erros cometidos pelos anarquistas durante a insurreição de Alcoy. Para ele, o movimento não passou de um "engodo"; faltaram-lhe tanto honestidade de propósitos quanto eficiência na ação<sup>58</sup>. Estando os operários em número superior à 5.000, demoraram um tempo incrível para eliminar os 32 soldados de Alcoy<sup>59</sup>; esse descaso pela vida humana expressando as mortes em números e pedindo mais velocidade na matança seria duramente criticado por James Guillaume, revoltado com "essas frias brincadeiras sobre os cadáveres"<sup>60</sup>.

---

<sup>56</sup> Idem, p.146.

<sup>57</sup> Friedrich Engels. "Os bakuninistas em ação" in: Vários autores. *Os anarquistas e a democracia burguesa*. São Paulo: Global, 1986.

<sup>58</sup> Idem, pp.125-126.

<sup>59</sup> Idem, p.117.

<sup>60</sup> Mintz, op.cit. p.14.



Além dos gracejos para com os mortos, o texto de Engels apresenta outros pontos de interesse: critica a falta de "linha ideológica definida" por parte dos "aliancistas" (membros da *Aliança Espanhola para a Democracia Social*, organização bakuninista), a perda do controle da situação e outras questões menores. Os erros mais grosseiros do texto de Engels foram impiedosamente atacados por Frank Mintz<sup>61</sup>. Em primeiro lugar, as fontes nas quais Engels baseou sua análise são as piores possíveis: são a marxista *Nova Federação Madrilenha da Internacional* e Paul Lafargue, genro de Marx e delator dos anarquistas da AEDS à polícia espanhola; com informantes desse jaez, entende-se porque Mintz chama "Os bakuninistas em ação" de "...brochura clássica da propaganda soviética, chinesa e trotskista de diferentes siglas"<sup>62</sup>.

Além dos erros referentes às informações, Engels se equivoca ao "profetizar" sobre o futuro do movimento operário espanhol, que segundo ele seria "reconduzido ao bom caminho" pelos marxistas. Tal não chegaria jamais a ocorrer, como nos demonstram o volume de membros da UGT e da CNT entre 1900 e 1919:

1900 UGT - 15.200 membros; centrais sindicais anarquistas, 52.000 membros<sup>63</sup>

1911 UGT - 80.000 membros; CNT - 30.000 membros<sup>64</sup>

1919 UGT - 200.000 membros; CNT - 755.000 membros<sup>65</sup>.

---

<sup>61</sup> Idem, p.13 ss.

<sup>62</sup> "[...] brochure classique des propagandes soviétique, chinoise et trotskyste de différents sigles" (trad. do autor). Idem, p.13.

<sup>63</sup> Os números se referem às várias centrais autônomas da época, já que a CNT ainda não havia sido fundada.

<sup>64</sup> A CNT, recém-fundada, perde momentaneamente para a UGT, mas a cifra não inclui as associações de classe ainda não filiadas à época.

<sup>65</sup> Todas essas cifras foram retiradas de Mintz, op.cit. p.15.



Engels se equivocou ao cobrar dos aliancistas a utilização daqueles meios revolucionários que ele próprio reputava como corretos, perde-se na sua argumentação e as críticas de Mintz entram todas com muita dureza.

De qualquer forma, o episódio teve o efeito de cimentar a solidariedade entre os membros do movimento; após Alcoy, os anarquistas foram vítimas de quatro perseguições por parte do primeiro-ministro Sagasta, mas em 1881 voltaram à legalidade. Daí para frente, todavia, as perseguições seriam freqüentes, súbitas e às vezes injustificadas; tudo isso ensinou os anarquistas espanhóis a se manterem ocultos e a tentarem cooptar o operariado através da "propaganda pela ação". Inicialmente, essa "propaganda" consistia em atos de sabotagem; para Brenan, foi a repressão que originou o terrorismo<sup>66</sup>. Stekloff, o historiador marxista da Primeira Internacional, também é de opinião de que o terrorismo acabou por infiltrar no movimento operário espanhol criminosos de vários tipos<sup>67</sup>. Nem todos os membros das organizações anarquistas eram, contudo, adeptos do terrorismo: em 1882, tornaram-se evidentes as diferenças entre a tendência catalã, "reformista" e favorável à manutenção de fundos de greve, e a andaluz, adepta de rápidas e espetaculares ações de propaganda, porque seus membros não podiam pagar esses fundos. Além dessa discussão, começava-se, nessa época, a divergir quanto à organização da sociedade futura: qual o modelo a ser seguido, o coletivismo bakuninista ou o anarco-comunismo de Kropotkin? Em 1909, a solução finalmente seria dada em favor do bakuninismo, mas não sem a adoção de muitos elementos de uma terceira doutrina, o anarco-sindicalismo.

---

<sup>66</sup> Brenan, op.cit. p.158.

<sup>67</sup> Woodcock reafirma essa relação várias vezes ao longo de sua obra, sendo o seu exemplo acabado a amizade entre Bakunin e o "sinistro" jovem Nechayev.



Além dessas querelas, o final do século XIX assistiu à outros eventos interessantes na cena anarquista espanhola: paralelamente aos atentados à bomba (o mais famoso dos quais sendo aquele em que o jovem italiano Angiolillo assassinou o primeiro-ministro Cánovas para vingar as torturas infligidas aos anarquistas nas prisões de Montjuich), assiste-se também ao surgimento de uma vigorosa corrente de educação anarquista, iniciada por Francisco Ferrer com sua "Escola Nova" (talvez fosse mais apropriado considerá-la como libertária, não anarquista<sup>68</sup>; apesar de ser pessoalmente limitado e mesquinho, as circunstâncias particularmente injustas da execução de Ferrer transformaram-no no típico mártir pacifista, triturado pelo sistema<sup>69</sup>).

---

<sup>68</sup> Cf. supra, pp.20-22.

<sup>69</sup> Idem, p.35.



## 2. A fundação da CNT e o fortalecimento do sindicalismo

Aqui podemos traçar uma espécie de "divisor de águas" no desenvolvimento cronológico do anarquismo espanhol, com a cristalização de duas propostas revolucionárias: a ação terrorista e a ação sindical, esta última especialmente por meio de greves. De fato, a tendência do movimento operário francês, tal como expresso na Carta de Amiens de 1906<sup>70</sup> era de se organizar em termos anarco-sindicalistas, ou seja, de preconizar a importância do sindicato como meio revolucionário e unidade de produção e distribuição *par excellence* após o triunfo do proletariado. A execução de Ferrer também teve seu papel na escolha pelo operariado catalão do anarco-sindicalismo, culminando com a fundação, em outubro de 1910, da *Confederación Nacional del Trabajo*, a CNT<sup>71</sup>.

Desde o início o sindicalismo foi entendido, por essa organização, não como um fim, mas como um meio de combate à burguesia<sup>72</sup>. As contribuições sindicais eram baixas ou, em regiões miseráveis como a Andaluzia, inexistentes; isto levou à um rápido crescimento no número de membros. Este crescimento foi contudo abalado com a Primeira Guerra Mundial: muitos anarquistas se declararam pacifistas e contrários à guerra, enquanto outros se manifestaram à favor do aliados. Mas um outro elemento mais decisivo viria se juntar a este na divisão do operariado anarquista espanhol em fins da década de 10: o triunfo da Revolução Russa.

---

<sup>70</sup> Bar, op.cit. pp.48-56.

<sup>71</sup> Brenan, op.cit. p.172.

<sup>72</sup> Id. *ibid.*



Apesar de numericamente pouco importante, mesmo após a Guerra Civil haver começado, o PCE estava destinado a ter um grande papel no conflito. Mas ele não era o único nem o principal agrupamento político marxista: já em 1917 ocorreram discussões entre os organismos operários sobre o apoio ou não à Revolução Russa. Dessa discussão e da dissidência de alguns anarquistas foi fundado em 1921 o PCE, filiado ao Comintern. Numericamente, este partido foi tão insignificante que Primo de Rivera não se preocupou em bani-lo durante a sua ditadura<sup>73</sup>. Com o retorno da República, em 1931, muitos dirigentes que estavam no exílio na URSS retornaram, e o choque com os catalães, que já haviam deixado de apoiar Stalin, foi inevitável: novas cisões ocorreram e, no calor das controvérsias Trotsky / Stalin após a morte de Lênin, mesmo não estando filiados à IV Internacional, alguns grupos passaram a seguir as idéias gerais de Trotsky (entre esses grupos, Hugh Thomas afirma ser o principal a Aliança Revolucionária Operário-Camponesa, núcleo do que mais tarde seria o POUM<sup>74</sup>). Ao contrário do PSOE e mesmo do PCE, o POUM manifestou diversas vezes uma afinidade ideológica (ainda que não prática) com os anarquistas e uma insistência na causa revolucionária, em oposição à moderação que tantas vezes caracterizou a *praxis* do PCE.

Podemos então afirmar que, às vésperas da proclamação da República, em 1931, o operariado motivado para a revolução encontrava-se dividido em dois campos distintos: o anarquismo numericamente significativo da CNT, e os pequenos grupos trotskistas fortes na Catalunha, mas de fraca representação em outras regiões. Nem o PCE, pelo

---

<sup>73</sup> Hugh Thomas. *A Guerra Civil Espanhola*. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. P.92.

<sup>74</sup> Id. *ibid*.





pequeno número de membros, nem o PSOE, pela moderação de suas propostas, poderiam com justiça ser considerados como portadores de propostas revolucionárias.

Apesar da aparente polarização que indiquei acima, Paniagua identifica a influência de alguns autores marxistas nas bases teóricas do anarquismo espanhol: nomeadamente Labriola, Berth e Lagardelle<sup>75</sup>. Mais que isso, dentro do próprio movimento anarquista faz-se necessária uma distinção entre apoliticismo e antipoliticismo (este último da FAI, a *Federación Anarquista Ibérica*, espécie de "elite" revolucionária criada no interior da CNT. A FAI era um tipo de vanguarda revolucionária dentro da CNT: de seus membros, que sempre eram filiados à central sindical, cobrava-se mais disposição revolucionária do que dos cenetistas em geral. Foi fundada em 25 de julho de 1927) nas formas de combate à ditadura de Primo de Rivera na década de 20: enquanto o apoliticismo enfatiza a importância do sindicato e advoga um "sindicalismo puro", o antipoliticismo optaria por um combate cerrado à toda e qualquer atividade política, dentro ou fora do sindicato<sup>76</sup>.

A radicalização em torno da segunda opção pode ser entendida como consequência da prisão de muitos dirigentes da CNT; era ainda uma maneira de fazer frente à UGT socialista, legal durante todo o período da ditadura, o que ilustra a moderação de suas aspirações. Mintz afirma que na realidade a CNT se dissolveu como forma de evitar a intervenção violenta, e Paniagua define da seguinte forma a FAI:

*De todas as formas, a FAI nunca foi uma organização coerente em nível teórico: nela se incrustaram tanto*

---

<sup>75</sup> Xavier Paniagua. *La sociedad libertaria*. Barcelona: Critica / Grijalbo, 1982. P.47.

<sup>76</sup> Idem, p.48.



*aqueles que aceitam a função revolucionária dos sindicatos dirigidos por anarquistas como os que vêem neles uma missão transitória, limitada a perecer com o triunfo da Revolução que devia desembocar na proclamação da comuna social*<sup>77</sup>.

Nestes termos, Paniagua justifica o apelido dado a certo grupo radical(!) dentro da FAI: "anarco-bolchevique", referindo-se ao grupo *Nosotros*, formado por Durruti, Ascaso, Sanz e García Oliver (anteriormente chamado *Los Solidarios*). E ainda para que fique bem esclarecida a relação FAI-CNT, seria interessante a reprodução de outra passagem de Paniagua:

*A FAI representa apesar de ser um corpo heterogêneo, a expressão do anarquismo intransigente. Não atuou como um organismo à margem da CNT à maneira de um partido político que constitui uma central sindical; é uma facção surgida de dentro; são os mesmos operários sindicalizados que a constituem*<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> Idem, p.53.

<sup>78</sup> Paniagua, op.cit. p.54.



### **3. Questões colocadas à Segunda República: o problema agrário**

A vitória dos partidos republicanos nas eleições de abril de 1931 ocasionaram a derrota da monarquia e o exílio de Alfonso XIII; todavia, o grupo de burgueses iluministas que estava representado pelos republicanos era uma minoria frente à complexidade e o caráter multifacetado da sociedade espanhola de então. Esses republicanos evidentemente não tinham condições de fazer acordos quer com a extrema esquerda, representada pelos anarquistas e trotskistas, quer com a extrema direita católica; seu diálogo limitava-se às questões relativas ao separatismo catalão e basco. Até o início da Guerra Civil, em 1939, assiste-se à uma infinidade de gabinetes republicanos mais ou menos conservadores que se revezam no poder sem conseguir resolver nenhuma das questões essenciais da Espanha - o problema operário, o da educação, o agrário. Este último me parece ser, sem sombra de dúvida, a mais aguda das dificuldades estruturais que afligiam a Espanha e conduziram à solução violenta da Guerra Civil.

Desde o século XIX a Espanha era assolada por uma seqüência quase ininterrupta de levantes rurais: com a emergência da industrialização, esses levantes passaram a ser também urbanos. A década de 30 não foi exceção: mas diferentemente dos levantes anteriores, agora eles ocorriam e eram reprimidos sob um regime democrático, o que redistribuiu toda a pressão exercida pela opinião pública contra ou a favor dos sublevados. Antes de 1936 já temos casos dramáticos de levantes camponeses, que exemplificam de forma bastante clara a gravidade da questão fundiária; e



por vezes esses levantes foram o fiel da balança na manutenção ou deposição de um gabinete de governo.

Em 1933, a Andaluzia presenciou um desses levantes, o de Casas Viejas: o seu líder, um senhor apelidado de "Seis Dedos" e uns trinta seguidores seus foram massacrados pela Guarda Civil no combate à sublevação. A comoção pública despertada pelo episódio levou à queda do gabinete em fins daquele mesmo ano; todo o episódio é sintomático da questão da terra. Mas o ocorrido em Casas Viejas seria em breve eclipsado pela revolta das Astúrias, de 1934, da qual falarei mais adiante.

A importância da questão agrária foi bem sublinhada por Paniagua:

*Não é exagero afirmar que a reforma agrária foi um dos eixos fundamentais da atividade política da Segunda República, e nela confluem todas as contradições políticas e sociais da Espanha dos anos 30<sup>79</sup>.*

A reforma agrária, tal como proposta pelos republicanos moderados, visava por um fim ao latifúndio improdutivo; este era um problema capital na distribuição da terra, mas em hipótese alguma era o único problema fundiário da Espanha. O caráter "reacionário" dessa reforma, que objetivava criar uma classe de pequenos proprietários rurais e dessa forma estabilizar as convulsões sociais no campo<sup>80</sup> foi claramente percebido pelos anarquistas, que não raro investiam também contra a pequena e a média propriedades em seus escritos e jornais<sup>81</sup>. A expropriação dos latifúndios foi restrita, lenta e feita contra indenização dos mesmos, razões de sobra para enfurecer o

---

<sup>79</sup> Idem, p.70.

<sup>80</sup> Uma solução já identificada por Tocqueville ao falar da França pré-revolucionária.

<sup>81</sup> Paniagua, op.cit. pp.71-72.



operariado organizado. E ao contrário do que se pensa normalmente, há autores que afirmam que os grandes latifundiários espanhóis na época da Guerra Civil não eram nobres decadentes identificados com o "Antigo Regime" espanhol, mas sim burgueses<sup>82</sup>. Isto explicaria, ao menos em parte, a morosidade do governo republicano em relação ao processo de reforma.

---

<sup>82</sup> Edward Malefakis. *Reforma agraria y revolución campesina en la España siglo XX*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1970. Cit. por Paniagua, op.cit. p.70.



#### 4. O levante das Astúrias

Como já vimos anteriormente, os sucessivos governos republicanos de 1931 a 1936 distinguiram-se por sua incompetência para a solução efetiva dos problemas espanhóis, matizando-se apenas no caráter mais ou menos conservador dos elementos que o compunham. Em 1934, o primeiro gabinete do então presidente Alcalá Zamora apoiava-se basicamente no partido de direita liderado por Gil Robles, a CEDA (*Central Española de Derechas Autónomas*); isto engendrou profunda insatisfação nos setores mais progressistas da arena política espanhola, levou à proclamação da autonomia da Catalunha e a inúmeros movimentos insurrecionais em todo o território espanhol. Todos esses movimentos tiveram um fracasso quase imediato, com exceção do levante das Astúrias, de conseqüências funestas e de longo prazo.

Como assinala Thomas, a rebelião tinha motivação política e não econômica: a subida ao poder da CEDA foi a "senha" para a revolta, cujo centro foi Oviedo<sup>83</sup>. A organização dos mineiros asturianos (os principais atores da revolta) parece confirmar esse fato e nos leva a concluir pela intenção de alargar a escala da revolução - o que sem dúvida só se pode atribuir ao alto grau de politização atingido pelos mineiros. Mais importante do que isso, convém lembrar que a maior parte dos efetivos envolvidos na revolta eram filiados à moderada UGT socialista - Thomas fala em 30.000 mineiros bem equipados participando da revolta, dos quais 20.000 seriam filiados à UGT, 4.000 à CNT e 6.000 à outros grupos<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> Thomas, op.cit. p.103.

<sup>84</sup> Idem, p.104.



Em termos operacionais, a rebelião estabeleceu sovietes naqueles lugares onde triunfou e procurou organizar-se da melhor forma possível para enfrentar os "fascistas" de Madrid: mas o governo central tomou medidas drásticas e numa escala nunca vista anteriormente na repressão à um levante em solo espanhol.

Os generais Franco e Goded, que se notabilizariam posteriormente por seus papéis na Guerra Civil, foram chamados pelo governo central para "restabelecer a ordem", comandando duas das tropas mais violentas do mundo: a Legião Estrangeira Espanhola e os "regulares" mouros, mercenários marroquinos conhecidos por sua ferocidade. A violência com que reprimiram a rebelião foi sem precedentes: 1800 operários foram assassinados, muitos deles sob tortura<sup>85</sup>. Evidentemente esses "excessos" eram justificados junto à opinião pública pelas informações que corriam acerca das atrocidades cometidas pelos próprios mineiros<sup>86</sup>. Essa informações na sua maioria não se sustentam, embora os revoltosos tenham se excedido em algumas oportunidades. Mas foi o que bastou para que, como Brenan ironicamente observa, pela primeira vez os mouros pusessem os pés no norte da Espanha, reduto "sagrado" da catolicidade que eles jamais haviam podido conquistar. Agora, em defesa da burguesia espanhola os árabes finalmente puderam conhecer as Astúrias<sup>87</sup>.

À repressão do levante seguiu-se, naturalmente, a prisão em massa de líderes esquerdistas de quaisquer tendências: isto contribuiu para a radicalização entre direita e esquerda nas eleições seguintes e esvaziou por

---

<sup>85</sup> Uma descrição das torturas não faria sentido aqui, mas pode ser encontrada em Brenan, op.cit. p.289.

<sup>86</sup> Idem, p.288.

<sup>87</sup> Id. ibid.



completo o republicanismo<sup>88</sup>. Em 1936, a Frente Popular tinha como proposta básica a libertação de todos os presos políticos das Astúrias, entre eles até mesmo socialistas da UGT mais ou menos moderados como Largo Caballero: e isto fez com que até mesmo os anarquistas votassem na coligação de esquerda. Numa palavra, as Astúrias mostraram toda a violência e toda a inoperância da tentativa tardia de se introduzir uma República burguesa na Espanha<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Mintz indica que, devido ao seu autoritarismo intrínseco, nos setores comunistas das Astúrias sublevadas foram instalados os famigerados "tribunais populares", enquanto que nas áreas anarquistas "houve tolerância e bons tratamentos"; cf. Mintz, op.cit. p.61.

<sup>89</sup> Além de evidenciar falta de entrosamento entre a UGT e o PSOE, segundo Mintz, op.cit. p.63.





### CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO BARCELONESA

#### 1. Barcelona: depoimentos, relatos, romances

A revolução eclodiu na Espanha em pronta resposta ao levante militar iniciado a 17 de julho, quando o General Franco, tendo sublevado sua guarnição nas Canárias, iniciou sua viagem rumo ao continente e os combates começaram no Marrocos espanhol. A 19 de julho, em contraste com a calma do dia anterior, uma Barcelona agitada por boatos de todo tipo viu-se finalmente em armas e dividida em dois campos, duas equipes que jogariam a grande partida do século na Espanha: o jogo duraria mais três anos. Apesar do presidente da *Generalitat*, o governo autônomo catalão, Luis Companys, haver hesitado (como de resto o fizeram todos os políticos burgueses da Espanha naqueles dias) em dar armas ao povo, a CNT foi mais rápida e na madrugada de 18 para 19 de julho assaltou vários depósitos de armas, para uma luta "inevitável"<sup>90</sup>.

Em Barcelona o levante nacionalista foi debelado com energia e prontidão únicas e para isso confluíram vários fatores. Um dos mais evidentes foi a prática dos operários da cidade em enfrentamentos urbanos pois chegaram mesmo a desenvolver um tipo de bomba próprio (a chamada "bomba FAI"); gente assim está muito mais preparada para um conflito de rua do que o grupo heterogêneo de oficiais rebeldes liderando recrutas sem interesse no levante. Outro fator importante foi a Guarda Civil e os *asaltos* (espécies

---

<sup>90</sup> Thomas, *Guerra civil*, vol. 1, p.178.



de polícias do interior) terem ficado quase que unanimemente do lado do povo, ao contrário do que ocorreu em outras regiões.

#### 1.1. Relato de um voluntário do POUM

A respeito do dia da vitória contra os rebeldes, muitos relatos literários foram feitos; sem dúvida um dos mais interessantes foi o de George Orwell, então na Espanha como voluntário de uma coluna do POUM na Catalunha e em fase de treinamento. Como ocorre com freqüência em se tratando de voluntários espanhóis do período, Orwell não se declarou jamais como trotskista, mas, por ser filiado à ILP na Inglaterra acabou sendo engajado no POUM na Espanha. Veremos seu relato mais de perto.

*A cidade apresentava aspecto sombrio e desarrumado, as ruas e edifícios encontravam-se em mau estado de conservação [...] Mas até onde se podia perceber o povo estava contente e esperançoso. Não existia desemprego, e o custo de vida mostrava-se ainda extremamente baixo. [...] Acima de tudo, prevalecia uma crença na revolução e no futuro, o sentimento de ter-se de repente entrado numa era de igualdade e liberdade. Os seres humanos procuravam comportar-se como tais, e não como engrenagens na máquina capitalista. Nas barbearias encontravam-se proclamações anarquistas (em sua maioria os barbeiros eram anarquistas), explicando de modo solene que aqueles profissionais não eram mais escravos. Nas ruas havia cartazes coloridos nos quais eram feitos apelos às prostitutas para que parassem com o exercício de seu ofício [...]*<sup>91</sup>.

O depoimento de Orwell, por essa época ainda aquartelado no Quartel Lênin recebendo instrução militar, é bastante otimista: o povo nas ruas vê todo um "arranjo burguês" do mundo desmoronar por seus próprios esforços

---

<sup>91</sup> George Orwell. *Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil*. Rio de Janeiro: Globo, 1985. P.6.



revolucionários, e passa a colocar em prática todas as crenças libertárias que advogam igualdade dos homens. De modo semelhante, o autor descreve como os garçons perdem a subserviência característica de seus modos, e de como todos passam a se cumprimentar com o "salud!", ao invés dos tradicionais "bom-dia", "boa-tarde", etc. Da mesma forma, a indumentária muda da elegância burguesa para o trajar proletário:

*Com exceção de pequeno número de mulheres e estrangeiros, não havia pessoas "bem vestidas", em absoluto. Virtualmente todos usavam roupas brutas de trabalhadores, ou macacões azuis, ou ainda alguma variação do uniforme miliciano. Tudo isso era estranho e comovedor. Muita coisa eu não compreendia e, de certo modo, não me agradava, mas reconheci imediatamente a situação como um estado de coisas pelo qual valia a pena lutar<sup>92</sup>.*

Um "estado de coisas pelo qual valia a pena lutar": contrariamente às motivações estratégicas e pragmáticas das guerras modernas, aqui um soldado voluntário encontra sua razão de viver (que é, como dizia Camus, sempre uma boa razão de morrer) na impressão que lhe deixou um dia numa cidade revolucionária.

Motivado dessa forma, Orwell foi para o front e trocou o entusiasmo das *ramblas* rubro-negras pela chatice da guerra e trincheiras, onde, segundo ele, só existem cinco coisas importantes: "[...] lenha, comida, fumo, velas e o inimigo"<sup>93</sup>. Foge ao espírito deste trabalho fornecer um relato detalhado do tédio de Orwell nos meses em que ficou nas trincheiras em Alcubierre; mas pode-se dizer que na

---

<sup>92</sup> Id. *ibid.*

<sup>93</sup> Idem, p.25.



guerra de posições nada poderia se igualar ao entusiasmo daqueles primeiros dias em Barcelona<sup>94</sup>.

Engajado no POUM, Orwell não poderia ser ortodoxamente rotulado de "trotskista"; segundo ele próprio, considerar o POUM como agremiação partidária trotskista seria o mesmo que fazê-lo em relação à SAP alemã ou à ILP inglesa (à qual ele estava, efetivamente filiado); mais correto seria considerá-los como partidos autenticamente revolucionários, em contraposição ao acomodamento da posição dos PCs oficiais em todos os países, aí se incluindo a Espanha. A sinceridade de seus propósitos parece-me fora de questão, e acredito que o expurgo stalinista de maio de 1937, seguido de sua fuga precipitada da Espanha para salvar a vida tenham influenciado Orwell em seu subsequente pessimismo (exposto em *Animal Farm* e 1984: ao contrário do que afirma Furter, não me parece que *Animal Farm* seja um "infame panfleto anti-russo"<sup>95</sup>, mas antes o grito de desespero de um homem desencantado com os rumos que o único país do mundo onde a revolução proletária havia triunfado até então estava tomando). O encanto radical da causa da guerra civil em Espanha, o mais belo motivo para viver e morrer para toda uma geração (talvez a "grande causa" pela liberdade na Europa desde a independência grega em 1821), esboroava-se no pragmatismo stalinista e na debilidade do apoio logístico à uma república burguesa.

---

<sup>94</sup> A estupidez e o caráter quase surreal da estática guerra de trincheiras fica mais do que patente nesta passagem: "Então há glória na guerra, hem? Na guerra *todos* os soldados são piolhentos, pelo menos quando faz calor suficiente. Os homens que combateram em Verdun, Waterloo, Flodden, Senlac e nas Termópilas - todos eles tinham piolhos arrastando-se por seus testículos"; Orwell, op.cit. p.81.

<sup>95</sup> Furter, op.cit. p.156.



## 1.2. Aspectos líricos da luta

Ponto de vista diferente e mais "sistemizado" é expresso por André Malraux em *L'espoir* (tradução portuguesa de Judith Cortesão, *A esperança*. Lisboa: Livros do Brasil, /s.d./); aqui, trata-se de uma obra escrita durante a guerra mas dentro de uma perspectiva bem mais "romanesca" (sem, com isso, se vulgarizar), a começar pela dedicatória: "Aos meus camaradas da batalha de Teruel". De fato, Malraux deu à luz o maior romance já escrito sobre o conflito espanhol (ao menos essa é a opinião de Maria Teresa de Freitas, por mim compartilhada), com uma fluidez e estilo aliados ao caráter "jornalístico" do livro que o tornam um dos clássicos do século. Para não cair no burlesco, Malraux, apesar de manter a fidelidade aos fatos(!), muda os nomes dos personagens; assim ele próprio encarna-se em Magnin, o herói do livro, aviador francês engajado voluntariamente na força aérea da República. A primeira parte do livro é o que mais nos interessa aqui, e intitula-se apropriadamente, "A ilusão lírica" e se encontra, como de resto o conjunto da obra, numa tensão entre "[...] a necessidade do real e a transfiguração desse mesmo real"<sup>96</sup>. "A ilusão lírica" remete, basicamente, às lutas de rua de Barcelona em julho de 1936; vejamos a impressão de um artista a respeito:

*Shade*<sup>97</sup> tinha cinqüenta anos [...] não ligava senão ao que ele chamava a baboseira, ou a animalidade, isto é, a vida fundamental: dor, amor, humilhação, inocência. Pela avenida abaixo vinham grupos, com as suas carroças ericadas de pernas de cadeiras emborcadas, seguidos pelos que passavam vergando ao peso de relógios de pêndulo; e a idéia de todas as casas de penhores

---

<sup>96</sup> Maria Teresa de Freitas. "Malraux e a Guerra Civil Espanhola" in: *Estudos Históricos* 5, p.149.

<sup>97</sup> Shade, no romance de Malraux, provavelmente é o jornalista Vincent Sheean, cf. a nota da tradução.



*madrilhenhas, nessa noite franqueadas à pobreza, desta feita registradas; essa multidão dispersa que regressava para os bairros deserdados com as suas prendas reconquistadas, era a primeira coisa que fazia entender a Shade o que a palavra revolução podia significar para os homens*<sup>98</sup>.

Já em *La condition humaine*, escrito em torno de outra guerra civil (a chinesa), Malraux havia feito um de seus personagens afirmar que "o homem é aquilo que faz"; nesse sentido, Malraux, "o mais vermelho comunista que se podia ser então, sem ingressar realmente no partido"<sup>99</sup>, fez o que pôde para organizar o entusiasmo inicial despertado pela revolução e fazer frente ao fascismo internacional. *L'espoir* foi talvez uma contribuição mais decisiva para a causa republicana do que a atividade de Malraux em organizar o contingente aéreo das Brigadas Internacionais: foi no dizer de Freitas em seu pequeno porém esclarecedor artigo, "[...] a obra engajada por excelência"<sup>100</sup>.

Por quê "a esperança"? No entender de Malraux, porque o entusiasmo anárquico dos primeiros dias fora domado, e ao romântico grupo de operários bem-intencionados porém amadores estava se sucedendo um verdadeiro exército popular, capaz de vencer uma guerra. O livro termina com a derrota dos italianos em Guadalajara, momentânea esperança republicana de inverter o curso dos eventos; o penúltimo parágrafo, pensamento transcrito do personagem Manuel, evoca bem o estado de espírito de toda uma geração prenhe do novo, para falar como Bloch.

---

<sup>98</sup> André Malraux. *A esperança*. Lisboa: Livros do Brasil, /s.d./ p.54.

<sup>99</sup> Peter Elstob. *A Legião Condor e a Guerra da Espanha*. Rio de Janeiro: Renes, 1978. P.59. O autor, ele próprio ex-aviador voluntário da República, tece comentários preciosos e fornece informações úteis sobre certos aspectos da guerra normalmente desprezados pelos historiadores, em particular no que se refere ao material bélico, à organização dos contingentes aéreos internacionais e às negociações para a compra de armamento em ambos os lados.

<sup>100</sup> Freitas, op.cit. p.147.



*E como ele (Manuel), como cada um desses homens, a Espanha exangue tomava consciência de si mesma - semelhante àquele que repentinamente se interroga na hora de morrer. Apenas se descobre uma vez do que é a guerra, porém descobre-se repetidamente a vida*<sup>101</sup>.

Em Malraux, a plasticidade e o engajamento formam um todo tão harmonioso que não é possível ver a obra do aviador francês como mero panfleto de propaganda comunista. Malraux vai além, perscruta o coração de personagens por assim dizer "típicos", e a partir daí desenha os sonhos humanos por um porvir pleno de justiça; não cai no machismo de Hemingway, e também se recusa a atacar os anarquistas por possuírem um projeto revolucionário distinto do seu. Se fosse o caso de conferir um único adjetivo ao livro de Malraux, seria "honesto".

### 1.3 Brincando de guerra

Talvez o menos interessante dos relatos literários pertinentes ao nosso tema (a meu ver) seja o de Ernest Hemingway, *Por quem os sinos dobram*; todavia, pela repercussão obtida pelo livro, sem dúvida a mais popular obra escrita sobre a Guerra Civil Espanhola, parece-me válido incluí-lo aqui. Hemingway não se detém particularmente no drama da Barcelona revolucionária do início do conflito, mas o livro, tomado em seu conjunto, é bastante esclarecedor acerca das posturas ortodoxas comunistas acerca dos demais projetos revolucionários.

Se Hemingway encarna com perfeição o mito daquela *lost generation* que viu a Guerra Civil como o "[...] grande momento de esperança para uma geração inteira marcada pelo aparente [sic] cinismo, indolência e hipocrisia da geração

---

<sup>101</sup> Malraux, op.cit. p.474.



mais velha"<sup>102</sup>, o personagem principal do livro, o brigadista americano Robert Jordan, encarna um outro tipo de postura - romântica sem dúvida, mas marcada pela fidelidade canina à política do Comintern. O "cavaleiro solitário" criado por Hemingway e devidamente desfigurado por Hollywood mostra-se, de fato, fiel e ingênuo à respeito de eventos que já saltavam aos olhos de Orwell como injustos, como o expurgo de maio de 37. Senão, vejamos algumas de suas falas:

*Vamos por de parte esse negócio de morrer, porque isto não é maneira de conversar. É o modo de falar de nossos amigos anarquistas. Sempre que alguma coisa não anda direito, eles logo querem tocar fogo em tudo e correr. É uma mentalidade muito estranha, a deles. Muito estranha<sup>103</sup>.*

esse solilóquio de Jordan é bastante esclarecedor; em outras passagens ele se dedica à crítica mordaz aos "companheiros" do POUM. Nesse mesmo solilóquio, como realce de seu romantismo, Jordan reafirma seu amor por Maria, heroína do livro e vítima da arbitrariedade fascista, apesar de não poder existir amor numa sociedade "de concepção puramente materialista"<sup>104</sup>. Toda a trama soa algo piegas.

---

<sup>102</sup> Thomas, *Guerra Civil*, vol. 2, p.350.

<sup>103</sup> Ernest Hemingway. *Por quem os sinos dobram*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984. P.275.

<sup>104</sup> Idem, p.274.





## 2. Buenaventura Durruti

O grande mártir da revolução no campo anarquista foi, sem sombra de dúvida, Buenaventura Durruti. Nascido em 14 de julho de 1896 numa família de oito irmãos, em León, desde pequeno o futuro líder anarquista mostrou disposição para a socialização dos bens na sociedade: consta que, ao roubar frutas de um pomar alheio, sempre dividia o produto com seus companheiros. Ao ser interpelado pelo dono do pomar, protestando ser dele a propriedade daqueles frutos, o garoto Durruti teria respondido com outra pergunta: "E a minha propriedade, onde está? Por que não tenho propriedade?"<sup>105</sup>. Mecânico, cedo tornou-se amigo de dois outros homens que seriam as grandes "estrelas" do anarquismo espanhol nas décadas de 20 e 30: os irmãos Francisco e Joaquín Ascaso. Falar de Durruti, como de resto do anarquismo espanhol a partir de uma perspectiva diferente da oficial (ou seja, diferente dos discursos produzidos por elementos estranhos a ele mesmo) é pisar num terreno pantanoso, como observou Hans Magnus Enzensberger: as informações não vêm facilmente, por vezes se contradizem, nunca se afirmam mas apenas se insinuem.

É assim com Durruti. Como o correspondente soviético Ilya Ehrenburg observou, qualquer um que se propusesse a escrever a biografia de Durruti recuaria ante tal tarefa com medo de seu relato ser tomado como ficção. E até onde sei, mesmo hoje não existe nenhuma biografia do líder anarquista, ainda que a colagem de Enzensberger preencha razoavelmente bem essa lacuna. Seu livro, intitulado *O curto verão da anarquia*, compõe-se basicamente de depoimentos superpostos de vários personagens da época, nem

---

<sup>105</sup> Depoimento de Florentino Monroy, cit. por Hans M. Enzensberger. *O curto verão da anarquia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P.22.



todos favoráveis ao anarquismo, e de breves ensaios do punho do próprio Enzensberger visando esclarecer o leitor não-familiarizado com o tema. Mesmo assim, é difícil chegar a um acordo sobre diversas questões. O que se pode conhecer de Durruti com um mínimo de objetividade e sobre o que se pode pensar, tentarei expor a seguir.

Buenaventura Durruti jamais pode ser considerado um intelectual ou um teórico do anarquismo. Antes, devemos entender que ele sempre foi um homem de ação, aquele sempre pronto a ir para as barricadas, ainda que soubesse muito bem o que estava fazendo e porquê o fazia. Na década de 20, estando exilado na América do Sul, envolveu-se em complicações com o governo argentino e com o uruguaio, por atividades "subversivas". Após a proclamação da República em 1931, retorna à Espanha e dedica-se de imediato à FAI e à CNT, consagrando-se à pregação entre os mineiros de Figols, no Alto Llobregat (Catalunha), o que certamente contribuiu para o levante de 18 de janeiro de 1932; além disso, participou e foi preso no levante de Barcelona em 8 de janeiro de 1933. Como homem de ação, Durruti jamais se preservou de riscos, o que vários outros membros da CNT-FAI acabariam fazendo após seu ingresso no governo, em novembro de 1936: Durruti sempre esteve onde a ação fosse mais perigosa, talvez por saber das limitações que o trabalho organizacional na retaguarda acabaria lhe impondo.

O levante de 19 de julho foi prontamente debelado, em Barcelona, graças à ação dos anarquistas; a luta de rua foi descrita com bastante vivacidade por Malraux, mas os testemunhos recolhidos por Enzensberger são mais variados e mais "rudes", por assim dizer. Vejamos a morte de Francisco Ascaso, o grande companheiro de Durruti, logo no início da refrega - começando com o testemunho de Emilienne Morin, esposa de Durruti:



*Ninguém soube explicar seu gesto. Ele saiu correndo sozinho; o quartel que ficava em frente ainda estava nas mãos das tropas de Franco. Também sozinho ele foi na direção em que a morte era certa. Não sei o que lhe passou pela cabeça. Mais pareceu um suicídio<sup>106</sup>.*

Ou ainda o de Luiz Romero:

*Um pouco antes de chegar ao caminhão, Ascaso faz pontaria e atira. Quando se levanta e faz menção de continuar correndo em direção ao veículo, uma bala o atinge no meio da testa. Ele cai. Os companheiros ainda o vêem jogar os braços para cima antes de tombar no solo. Ascaso fica deitado, o rosto contra o chão, e não se levanta mais<sup>107</sup>.*

O fim apropriado para aquilo que os marxistas gostam de chamar de "fósseis" de 1848, últimos representantes daquela linhagem de combatentes românticos - como se os mártires erigidos pela sua própria historiografia não tivessem, eles mesmos, fortes matizes românticas, ou se, na falta delas, não houvessem sido adequadamente "pintados" com as mesmas.

Em termos de coletivização, a CNT-FAI fez de Barcelona uma autêntica cidade revolucionária: a *Associação Industrial* foi transformada em QG da revolução, as fábricas foram coletivizadas e no campo muitas comunas foram organizadas (embora por vezes de forma autoritária e indo contra os interesses dos camponeses naquelas regiões em que a pequena propriedade era predominante). Mas não é a proposta desta monografia analisar a coletivização em seus efeitos práticos<sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> Emilienne Morin in: Enzensberger, op.cit. p.133.

<sup>107</sup> Luis Romero in: Enzensberger, op.cit. p.132.

<sup>108</sup> Para esse enfoque, cf. a obra de Paniagua supracitada.



## **CAPÍTULO 4 - POSSIBILIDADES DE VALORAÇÃO DO LEVANTE**

### **ANARQUISTA**

Iniciarei este capítulo, cerne da monografia, advertindo que este não pretende ser um estudo exaustivo das representações da revolução anarquista; um pequeno grupo de autores foi selecionado por sua importância e ampla divulgação e é este grupo de autores que será examinado. Para evitar o enfado do leitor, as questões teóricas que me pareceram significativas estão distribuídas ao longo do texto ou em notas de pé de página.



## 1. Gerald Brenan

Dos autores que nos interessam, aquele que pode ser considerado responsável pela maior parte do que se disse acerca da Espanha no contexto da Guerra Civil (em relação à suas origens imediatas, ao menos) é o já citado Gerald Brenan. Escreve um clássico, *The Spanish Labyrinth*, livro que já teve várias edições e permanece sendo obra de referência fundamental para o estudioso da Espanha contemporânea; a primeira edição é de 1942, "no calor dos acontecimentos", e não se propõe ser um estudo da Guerra propriamente, como Brenan afirma: "[...] o tempo em que uma avaliação objetiva da guerra será possível ainda não chegou"<sup>109</sup>. É necessário dar uma certa distância para que os acontecimentos se tornem claros aos olhos do historiador, pensa Brenan. Não obstante, seu livro é um minucioso estudo social da Espanha às vésperas da Guerra; suas observações acerca das questões da terra e do papel da Igreja nos séculos passados continuam sendo leitura obrigatória para os interessados. Irei examiná-lo sob a ótica do que disse acerca do anarquismo espanhol, sua gênese e desenvolvimento.

Também nesse aspecto da sociedade espanhola Brenan escreveu linhas "mestras": quase todos os que o leram e escreveram sobre o tema repetem suas impressões a respeito do anarquismo espanhol. Para ele, que admite e defende o caráter apaixonado do espanhol, o anarquismo possui um fervor moral que falta ao marxismo, sendo este um dos motivos do seu fracasso ou pouca aceitação na Espanha. A origem imediata desse anarquismo, ele a remete ao combate Marx x Bakunin na Primeira Internacional, e à decorrente

---

<sup>109</sup> "[...] the time when an objective survey [of the war] will be possible has not yet arrived" (trad. do autor). Brenan, op.cit. p.316.



visita do emissário de Bakunin, Giuseppe Fanelli, à Espanha<sup>110</sup>. Com os focos de difusão instalados na Catalunha e na Andaluzia, estabelecem-se diferenciações dentro do movimento: enquanto o "evoluído" operariado catalão (leia-se barcelonês) busca uma luta bem coordenada contra os patrões, mantém-se a par das últimas novidades teóricas vindas do estrangeiro e organiza fundos de greve, o "atrasado" campesinato andaluz nutre, em relação à revolução, uma espécie de expectativa milenarista. O credo dos pregadores da idéia libertária não deixa margem à dúvidas, na exposição de Brenan:

*[...] agora e então ocorreria uma pequena greve, que, se bem-sucedida, iria dobrar instantaneamente o número de membros da seção e levar à outras pequenas greves em distritos vizinhos. Então gradualmente os líderes poriam à mostra seu credo anarquista com seu ódio à Igreja, seu idealismo selvagem, seu aspecto humano e generoso, e a imaginação dos ouvintes seria excitada<sup>111</sup>.*

Em outra passagem, o autor fala do que os miseráveis agricultores andaluzes esperavam adquirir com a revolução, e como se preparavam para ela:

*"A idéia", como era chamada, era levada de vila à vila por "apóstolos" anarquistas [...] Pequenos círculos eram formados em cidadezinhas e aldeias e iniciaram escolas noturnas onde muitos aprendiam a ler, fazia-se propaganda anti-religiosa e comumente se praticava o vegetarianismo e a abstinência alcoólica. Mesmo o tabaco e o café foram banidos por alguns e um desses apóstolos, que conheci, sustentava que quando chegasse a era da liberdade os homens viveriam de alimentos crus*

---

<sup>110</sup> Cf. supra, 3.1.

<sup>111</sup> "[...] now and then there would be a small strike, which, if it was successful, would at once double the membership of the section and lead to other small strikes in neighbouring districts. Then gradually the leaders would unfold their anarchist creed with its hatred of the Church, its wild idealism, its generous and humane outlook, and the imagination of the hearers would be kindled" (trad. do autor). Brenan, op.cit. pp.146-157.



*cultivados por suas próprias mãos. Mas a principal característica do anarquismo andaluz era o seu milenarismo ingênuo. Cada novo movimento ou greve era imaginado como o arauto da vinda imediata de uma nova era de fartura, quando todos - mesmo a Guarda Civil e os proprietários de terras - seriam livres e felizes. Como isso ocorreria ninguém poderia dizer<sup>112</sup>.*

O que mais pode ser a crença de que após certo tempo os alimentos serão ingeridos crus senão uma versão da crença bíblica na terra em que correm rios de leite e mel, principalmente em se tratando de um povo religioso como o espanhol? O que pode haver de "racional" nisso? Nada. Mas não é isso o que importa, e sim o reconhecimento da existência dessa crença por parte de Brenan, e a relativa "simpatia" que ele tem por ela "como objeto de estudo", enquanto atitude mental frente ao mundo e suas exigências.

Ao longo de seu livro, Brenan parece aderir à crença de que a Espanha teve um desenvolvimento mais lento do que o restante da Europa; mesmo sem que ele o admita, o que se lê por baixo dessa idéia é a de que existem certos países que podem ser tomados como padrão de desenvolvimento e outros que tentam ou deveriam alcançá-lo. Seguindo essa linha de raciocínio, Brenan nos oferece a interessante reflexão de que Marx enganou-se ao imaginar a revolução nos países em que o desenvolvimento industrial fosse mais acentuado, mas que Bakunin estava certo ao imaginar a "sua" revolução nos países mais agrários e menos industrializados (e portanto

---

<sup>112</sup> "[...] 'The idea', as it was called, was carried from village to village by Anarchist 'apostles' [...] Small circles were formed in towns and villages which started night schools where many learned to read, carried on anti-religious propaganda and often practiced vegetarianism and teetotalianism. Even tobacco and coffee were banned by some and one of those apostles whom I knew maintained that, when the age of liberty came in, men would live on unfired foods grown by their own hand. But the chief characteristic of Andalusian anarchism was its naive millenarism. Every new movement or strike was thought to herald the immediate coming of a new age of plenty, when all - even the Civil Guard and the landowners - would be free and happy. How this would happen no one could say" (trad. do autor). Id. *ibid.*



mais "atrasados", dentro dessa linearidade). Dentro desse raciocínio, a postura de gente que deixa de fumar como gesto político preparatório para a revolução, ou que espera comer legumes crus sem que isto lhes faça mal, simplesmente porque "o tempo já chegou" só pode ser vista como anacronismo. Ou, se preferirmos, milenarismo: ao chegar o milênio, o mundo se redimirá, tudo será justiça, fartura e liberdade.

O que Brennan não viu, ou pelo menos não declarou, é que essa crença permeia também os outros programas revolucionários em pauta na época. Mudam as roupagens, mas permanece a idéia básica de uma transformação radical do mundo, de um mundo contaminado e que se purifica mediante ação política, que passa a ser histórica quando dela falamos. O conteúdo programático do PCE provavelmente não fazia referências à questão do cozimento dos legumes, mas estava impregnado do mesmo espírito de superação do mal radical, que afinal de contas é o que impede que comamos os vegetais sem cozê-los. Naquele jardim perdido por nossos ancestrais primeiros, Adão e Eva, haveria por acaso necessidade de cozinhar?

Apesar da motivação semelhante em sua origem, cumpre diferenciar o programa revolucionário anarquista dos demais pela forma que ele adquiriu: essa esperança imediata e sobrenatural (pois só o sobrenatural pode dar conta de transformações tão súbitas na natureza física do mundo e na do homem) está ausente de outros programas revolucionários, apesar deles também não prescindirem de elementos "ideais", transcendentais ao homem (por exemplo a luta de classes, um "conceito" cuja ação pode ou não causar efeitos observáveis, mas que, como todo conceito, só existe na mente de quem o pensa). Brennan detecta com precisão a presença de elementos milenaristas no anarquismo espanhol,





sendo facilitado nesta tarefa pelas viagens que fez à Espanha; seu livro contém muito da sua própria experiência naquele país, bem como depoimentos de atores do drama social espanhol. Mas parece-me falho ao não reconhecer o conteúdo "escatológico" de outros programas políticos da época<sup>113</sup>.

---

<sup>113</sup> De novo refiro-me aqui à tese de secularização do pensamento escatológico, que norteia toda esta monografia, e de como essa secularização se dá engendrando diversas "filosofias da história" da quais o marxismo, ainda que o negue, me parece ser mais um exemplar. Dessa forma, os conteúdos programáticos do PCE e do POUM também poderiam ser analisados sob a ótica do pensamento escatológico - embora, naturalmente, isto seja assunto complexo demais para ser definido numa nota ao texto; fica apenas a indicação de meu posicionamento a respeito do problema.



## 2. Hugh Thomas

Tributário das observações de Gerald Brenan, como quase todos os autores que lhe sucederam, Hugh Thomas busca uma história mais "isenta": seu livro *A Guerra Civil Espanhola* procura dar conta de múltiplos aspectos da Guerra, tais como o social, o diplomático, o econômico e o militar. E justamente em função dessa abrangência não consegue ser exaustivo em nenhum ponto específico, embora seja, ainda hoje, leitura inicial obrigatória para o interessado no tema.

Thomas apóia-se em larga medida nos ensinamentos de Brenan acerca da situação social da Espanha no século XX; em relação à origens do anarquismo, não faz mais do que repeti-lo. Mas emite juízos muito menos complacentes acerca do caráter do anarquismo espanhol: para ele, o movimento não apenas está eivado de traços milenaristas mas também de barbárie. A burguesia espanhola, no seu entender, tinha razões de sobra para temer um movimento que tinha por líderes homens como Francisco Ascaso e Buenaventura Durruti<sup>114</sup>. Mas a emissão de juízos dessa espécie, se não ajuda em nada a entender o anarquismo espanhol, por outro lado diz muito acerca do próprio Thomas, que pretende uma "isenção" em relação ao seu objeto já bastante questionada na época em que escreve (o livro é do final da década de 50). Mais que isso, Thomas coloca lado a lado o anarquismo das centrais sindicais e o dos atentados a bomba, o que, se de fato ocorreu durante certo período, não é verdade para o conjunto do movimento. Os sonhos selvagens dos anarquistas, apesar de generosos, foram longe demais para o temperamento do historiador inglês.

---

<sup>114</sup> Thomas, *Guerra Civil*, vol.1, pp.60-61.



Do ponto de vista militar, Thomas argumenta contra a autonomia das colunas anarquistas, naturalmente: sua inserção pronta e rápida no exército republicano poderia ter mudado o curso da guerra, enquanto que a insistência na autonomia pode ter sido uma das causas do fracasso<sup>115</sup>. As Brigadas Internacionais são tomadas por Hugh Thomas como o padrão de eficiência à partir do qual se deve medir a eficácia de outros grupos militares ou paramilitares; mas isto não ajuda em nada a entender os critérios de organização das colunas anarquistas. Thomas serve-se de "um" padrão possível de análise e o define como "o" padrão; dentro de seu raciocínio, houvesse a esquerda espanhola se mantido coesa desde o início do levante, os nacionalistas teriam sido prontamente derrotados. E sendo a central sindical anarquista CNT a maior agremiação de esquerda em 1936, cabe a ela a culpa por não haver se entregue de corpo e alma ao programa da Frente Popular do PCE.

Este tipo de raciocínio não leva em conta que, para os anarquistas, a oposição ao governo burguês republicano ou ao governo burguês fascista tal como pretendido por Franco significavam praticamente a mesma coisa. A idéia de "primeiro vencer a guerra, depois a revolução" como programa de atuação político-militar dos anarquistas é em parte fruto da propaganda comunista, e só surge muito tarde na guerra, mesmo assim moderadamente.

Em suma, Thomas cobra dos anarquistas algo que eles não podiam oferecer: coerência de atuação (nos moldes da atuação dos demais partidos) e organização militar formal e eficiente. Ora, gente temperada por anos a fio de lutas de rua contra a polícia nas esquinas de Barcelona tem, naturalmente, dificuldade para fazer manobras em campo

---

<sup>115</sup> Para os problemas especificamente militares da condução da guerra, cf. Elstob, op.cit.



aberto ou para a guerra de trincheiras<sup>116</sup>, sem falar na utilização da aviação ou de unidades blindadas. A mesma dificuldade que os militares rebeldes tiveram para se amotinarem em Barcelona (sendo prontamente punidos), tiveram os anarquistas na campanha de Aragão; militarmente, cada um dos grupos acima tinha sua própria "especialidade", que, em termos culturais poderíamos chamar talvez de especificidade.

Com relação aos excessos cometidos durante a revolução, Thomas mostra-se ainda menos complacente: a matança de religiosos causa-lhe especial horror, bem como o vandalismo que fez com que os dez mil volumes da biblioteca de Cuenca fossem queimados e o fichário sobre a história de Toledo do Bispo de Jaén fosse destruído junto com seu autor<sup>117</sup>. Com relação às execuções ilegais do lado republicano, Thomas admite que foram perpetradas por indivíduos desajustados ou criminosos, que se infiltram nos partidos políticos como em qualquer revolução; mas estabelece uma clara distinção entre as motivações pelas quais os socialistas e comunistas cometiam suas execuções sumárias e os impulsos dos anarquistas. Diz ele:

*Os anarquistas da FAI e da CNT diferiam, uma vez mais, dos outros. Matavam como se fossem místicos, dispostos a esmagar para sempre todas as coisas materiais deste mundo, todos os signos exteriores de um passado bourgeois e hipócrita [...] Muitos dos capturados em Barcelona foram levados à um ponto trinta milhas mais abaixo, no litoral, e fuzilados à vista da esplêndida baía de Sitges. Os que iam morrer passavam os seus últimos momentos na Terra contemplando o mar na maravilhosa madrugada mediterrânea. "Veja como a vida poderia ter sido tão bela", pareciam dizer os seus executores, "se você não tivesse sido um bourgeois, se*

---

<sup>116</sup> Para uma idéia clara das diferenças entre ambas, cf. Orwell, op.cit.

<sup>117</sup> Thomas, *Guerra Civil*, vol.1, pp.209 e 211.



*levantasse mais cedo e assistisse com mais freqüência ao nascer do dia como os operários são obrigados a fazer”<sup>118</sup> (grifos meus).*

Thomas analisa friamente o efeito concreto dessas ações: para ele,

*se os anarquistas não houvessem gasto tanta gasolina para levar suas vítimas a morrer em locais bonitos e tentando arrasar pelo fogo as igrejas, a tarefa de suas forças armadas contra os nacionalistas, em Aragão, em agosto, teria sido bem mais fácil<sup>119</sup>.*

A falta de sensibilidade, para não falar de simpatia para com o objeto de estudo, é evidente: não interessam à Thomas as motivações dos anarquistas para agirem dessa forma, mas apenas o cálculo final do consumo de combustível gasto com as execuções, que poderia ter sido utilizado de uma forma mais “racional”. E no entanto, para os anarquistas espanhóis esses cálculos não estavam interessando; será que constitui a essência do ofício de historiador o divagar acerca da melhor alocação de recursos materiais durante uma guerra? E se respondermos que sim, em que isso contribui para o nosso entendimento da atitude mental dos homens que estudamos?

Thomas incorpora as alusões de Brennan ao caráter milenarista do anarquismo espanhol, mas acrescenta observações de punho próprio que são, no mínimo, pitorescas. Assim ele descreve Durruti e Ascaso, líderes anarquistas das décadas de 20 e 30, (já mencionados no capítulo 3):

*Esses homens não eram, porém, criminosos comuns. Eram visionários com uma missão de violência, personagens*

---

<sup>118</sup> Idem, p.218.

<sup>119</sup> Id. *ibid.*



*que Dostoievski sentiria orgulho em criar. Quem pode culpar a bourgeoisie de tremer, se sabia que um exército de quase dois milhões de trabalhadores [sic] era dirigido, embora quase sem controle algum, por homens desse tipo?*<sup>120</sup>

Personagens que "Dostoievski sentiria orgulho em criar", como se fossem homens de ficção, e não revolucionários calejados ao longo de duas décadas de luta por um ideal bem definido. Com isso não estou fazendo a apologia do terror anárquico ou incorporando a atitude mental dos anarquistas, mas tentando advertir o leitor de que uma atitude preconcebida como a de Thomas não ilumina a mentalidade dos anarquistas espanhóis, mas apenas perpetua enganos (nesse caso, enganos graves, como mostrou Enzensberger).

---

<sup>120</sup> Idem, p.61.



### 3. Pierre Vilar

Comparado à Hugh Thomas, Pierre Vilar mostra-se bem menos ingênuo em relação a suas possibilidades de "isenção" quanto ao seu objeto de estudo; mesmo assim, esse autor mostra-se bastante cético quanto às possibilidades efetivas de sucesso do projeto anarquista e não se insere na linhagem dos autores que relacionam o anarquismo espanhol ao milenarismo. Em seu pequeno livro *A Guerra da Espanha*, Vilar mostra-se preocupado com outras questões: a história que ele faz é menos uma história das mentalidades do que uma história econômica e política. Como grande originalidade de sua abordagem, devo destacar a especificidade que ele atribui não ao movimento anarquista ou ao caráter apaixonado do espanhol, mas à Catalunha, como nesta passagem:

*Esta originalidade catalã tem por fundamento: (1) a preponderância anarco-sindicalista entre vencedores (armados) do dia 1 de julho; (2) a existência constitucional da Generalitat autônoma. É entre essa força e essa legalidade (todas as duas regionais) que se instalam relações obrigatórias, e de fato conflitivas [...] Têm os anarquistas o desprezo pela Generalitat, pela UGT, e o ódio, velha ascendência bakuniniana, ao comunismo autoritário, mais fraco que eles na Catalunha, porém presente<sup>121</sup>.*

Vilar, embora marxista, tem o mérito de não empurrar para outros segmentos esquerdizantes a responsabilidade pela derrota, procurando inclusive estabelecer relações de força no plano internacional. Mas diferentemente de Thomas, Vilar está mais preocupado com os efeitos conjunturais e com as conseqüências da Guerra Civil Espanhola na média

---

<sup>121</sup> Pierre Vilar. *A Guerra da Espanha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. Pp.60-61.



duração. Nos termos que identifiquei no capítulo 2, as categorias de análise que me interessam parecem estar ausentes em Vilar: esperança, utopia, anarquismo, milenarismo, são atores menores num drama que tem por estrelas as conjunturas e estruturas econômicas, e é a estas que os demais devem se subordinar.





#### 4. Frank Mintz

Com a sua habitual acidez, Mintz inicia suas considerações teóricas listando algumas das crenças mais comuns a respeito dos motivos do sucesso do anarquismo na Espanha: citando a stalinista Dolores Ibárruri (líder do PCE durante a guerra e conhecida em todo o mundo como "La Pasionaria"), as chaves para a compreensão desse sucesso seriam o atraso econômico e social<sup>122</sup> ou o lento desenvolvimento industrial do país<sup>123</sup>. Tal ponto de vista parece justificado pelo trotskista Andrés Nin, pois segundo ele "é fato que o anarquismo não foi influente nos países com forte desenvolvimento industrial"<sup>124</sup>. Pierre Broué, em outra obra, relaciona essa preponderância do anarquismo aos laços estreitos entre o campesinato sem terra e o operariado industrial<sup>125</sup>; mas citando novamente Nin, o anarquismo, como vanguarda revolucionária, "já dera o que tinha para dar" e já havia demonstrado sua incapacidade fundamental para liderar o proletariado revolucionário, e desapareceria definitivamente do último reduto que lhe restava, a Espanha<sup>126</sup>.

Rejeitando todas as explicações acima, Mintz dá a mais sucinta das justificativas relacionadas nesta monografia: para ele, o grande motivo do triunfo do anarquismo em relação às demais doutrinas socialistas foi o simples fato dele haver sido o primeiro a chegar em solo espanhol:

---

<sup>122</sup> Dolores Ibárruri. *A los trabajadores anarquistas*. México, /s.ed./, 1953. P.5. Cit. por Mintz, op.cit. p.15.

<sup>123</sup> Dolores Ibárruri. *Historia del Partido Comunista en España*. Paris: Éditions Sociales, 1960. P.14. Cit. por Mintz, id. ibid.

<sup>124</sup> Andrés Nin. *El arraigo del anarquismo en Cataluña*. Barcelona, /s.ed./, 1973. Cit. por Mintz, id. ibid.

<sup>125</sup> Pierre Broué. *La Revolution et la Guerre d'Espagne*. Paris: Ed. du Minuit, 1961. P.41. Cit. por Mintz, id. ibid.

<sup>126</sup> Nin, op.cit.



*Para nós, o fator explicativo é que o anarquismo foi uma tática que respondia às necessidades dos trabalhadores e que foi a primeira que apareceu na Espanha. Por conseguinte os outros movimentos não tiveram possibilidade de se desenvolver<sup>127</sup>. (grifos meus)*

Mintz parece não levar em conta os inúmeros países em que o anarquismo também foi a influência inicial sobre o proletariado mas foi, no entanto, posteriormente substituído pelo marxismo, em qualquer de suas vertentes: o próprio Brasil seria um bom exemplo desse padrão de desenvolvimento.

Não obstante, seu ponto de vista é endossado até mesmo por alguns stalinistas, dos quais ele cita Maidanik como exemplo:

*Dessa forma, na Espanha o anarquismo não se limitou à propaganda das utopias sociais e atos terroristas. Ele lança ações de massas e obtém alguns sucessos práticos. Após um desenvolvimento de meio-século, essa tradição do movimento anarquista tornou-se uma força material, séria, fator de reforço ulterior de sua influência<sup>128</sup>.*

Mintz não nega em momento algum a validade e efetividade do movimento anarquista como força revolucionária na Espanha: antes ele a exalta, como já vimos. Todavia, a associação milenarismo/anarquismo espanhol parece-lhe reacionária, (é por esse motivo que ele critica tão duramente Brenan e os que dão prosseguimento a sua argumentação) na melhor das hipóteses "folclórica", o que esvaziaria o conteúdo político do movimento. E Mintz nos remete então à outra associação, entre anarquismo e a tradição cooperativista espanhola - o que lhe parece ser

---

<sup>127</sup> Mintz, op.cit. p.17.

<sup>128</sup> Kiva L. Maidanik. *Ispanski proletariat v natsionalno-revoliutionnoivoine 1935-1937*. Moscou: Academi Naouk SSSR, 1960. Pp.34-35. Cit. por Mintz, id. ibid.



menos "inócuo" do ponto de vista político, que é o colorido com que Mintz manifestamente tinge a sua erudita tese<sup>129</sup>.

Após a análise desses quatro autores-chave, deixarei para o último capítulo algumas conclusões provisórias à que cheguei, como fechamento para esta monografia.

---

<sup>129</sup> Mintz define nestes termos o cooperativismo espanhol: "O cooperativismo apareceu na primeira metade do século XIX. Ele consistia em cooperativas de produção ou de consumo nas quais os trabalhadores tentavam se subtrair à exploração à miséria terríveis que reinavam", cit. por Georges Lasserre. *La coopération*. Paris: PUF, 1959. P.11.



## CONCLUSÃO

Este trabalho não se propõe resolver questões inéditas acerca do anarquismo espanhol- seus objetivos foram mais modestos. A discussão entre a possível associação milenarismo/anarquismo também se insere dentro de outra polêmica mais ampla, a tese de secularização do pensamento escatológico. Mas dentro do que pude fazer, ou seja uma análise sucinta de algumas representações historiográficas do caráter do anarquismo espanhol, cheguei à duas conclusões.

Em primeiro lugar o anarquismo espanhol possui uma irreduzibilidade própria enquanto objeto de estudo. Isto ocorre por haver ele se servido do farto arsenal teórico originário das discussões da Primeira Internacional mas ter ido muito além do que foram os movimentos anarquistas de outras partes do mundo. Vinculado maciçamente ao movimento operário, o anarquismo espanhol foi, até o fim, uma possibilidade revolucionária efetiva que tinha de ser levada em conta em qualquer cálculo da balança política espanhola. Ao contrário do que ocorreu em outros países, o anarquismo espanhol não se transformara numa "maneira burguesa de brincar com fogo"<sup>130</sup>, ou numa espécie de humanismo pequeno-burguês. Em 1936, ele era ainda a expressão viva de uma luta política, muito bem definida em sua especificidade.

Secundariamente, creio ser possível falar de permanências milenaristas no anarquismo espanhol<sup>131</sup>,

---

<sup>130</sup> Enzensberger, op.cit. p.305.

<sup>131</sup> Evito falar dessas permanências no anarquismo em geral para não cair na discussão da tese de secularização do pensamento escatológico exposta no primeiro parágrafo deste capítulo. Evidentemente, toda a



principalmente nas etapas iniciais do movimento<sup>132</sup>. A crença na transformação súbita, radical e absoluta do mundo, a ênfase na moral do cotidiano, tudo isso se encontra em menor proporção no marxismo e no socialismo, mas são moeda corrente no anarquismo espanhol, originando posturas que obedecem à outra racionalidade<sup>133</sup> e à outra temporalidade<sup>134</sup>.

O que pude verificar ao longo da pesquisa é que essas especificidades são quase sempre percebidas patologicamente pela historiografia<sup>135</sup>, ao invés de o serem com aquela *epokhê* que nos permite conhecer o objeto pela amizade, para citar Henri-Ireneé Marrou. Esse *pathos* pode mostrar repulsa total ao objeto (Hugh Thomas) ou uma repulsa parcial expressa com irônica complacência - Gerald Brenan. Do outro lado das trincheiras, o anarquismo espanhol também tem seus defensores apaixonados, prontos a tudo explicar e tudo permitir, mesmo a nível metodológico: entre os que não participaram da guerra, Frank Mintz me parece ser o representante definitivo dessa tendência.

---

argumentação que esta monografia procura sustentar é tributária da validade daquela tese.

<sup>132</sup> Cf. supra, cap.2.

<sup>133</sup> Cf. supra, 4.2.

<sup>134</sup> Como na seguinte passagem recolhida por Ehrenburg acerca dos anarquistas espanhóis nos começos da guerra: "Então viviam distanciados da vida moderna, só viviam de acordo com os mitos do século passado e com sua valentia. Nunca esquecerei aquele lavrador de Fernán Nuñez, um homem quase analfabeto, que costumava repetir:

-Por quê vocês discutem sobre a Segunda e a Terceira Internacionais? Se existe a Primeira...

Para ele, o companheiro Mikhail Bakunin era um contemporâneo".

(*"Entonces vivían distanciados de la vida moderna, solo vivían de acuerdo con los mitos del siglo pasado e con su valentia. Nunca olvidaré aquel labrador de Fernán Nuñez, un hombre casi analfabeto, que solía repetir:*

*- Por qué vosotros discutís sobre la Segunda y la Tercera Internacionales? Si está la Primera...*

*Para él, el compañero Miguel Bakunin era un contemporáneo"*).

Cf. Ilya Ehrenburg. *Corresponsal en la Guerra Civil Española*. Madrid: Júcar, 1979. Pp.22-23.

<sup>135</sup> No sentido kantiano do termo, que o liga não às enfermidades, mas sim às afeições e paixões.



Curiosamente, dos textos que analisei o que me pareceu mais completo em relação aos conceitos-chave que utilizei (ou seja a tríade milenarismo-utopia-escatologia), foi o de Hans Magnus Enzensberger - que não apenas não é historiador como mostra um profundo desprezo pela história acadêmica:

*A História como ciência só existe a partir do momento em que não somos mais dependentes da tradição oral, a partir do momento em que existem "documentos": papéis diplomáticos, textos de contratos, protocolos, publicações de atas. Mas ninguém tem em mente a História dos historiadores. A antipatia em relação a ela é elementar e parece insuperável. Todos conhecem esta antipatia, desde os tempos de escola. Para os povos, a História é, e permanece sendo, um feixe de histórias. Ela é aquilo que se observa, que se recorda e que pode ser narrado vezes sem fim: um recontar da história<sup>136</sup>.*

Não tendo que se preocupar com as normas da corporação, Enzensberger teve muito mais liberdade para trabalhar seu tema, a vida e a morte de Buenaventura Durruti. E ao fazê-lo ele não evitou, em momento algum, a associação entre o movimento anarquista e a vida de seu biografado, o que poderia levar ao esvaziamento do conteúdo político do tema: ao contrário, para Enzensberger o anarquismo foi a expressão revolucionária *par excellence* da esquerda espanhola no final dos anos 30. Nesse esforço, ele identificou claramente traços particulares da mentalidade anarquista espanhola, dos quais destaco o desprezo pela precisão factual: ao tratar das circunstâncias da morte de Durruti, até hoje não esclarecidas (e provavelmente nunca o serão, pois esta é uma questão posta apenas por nós, não por aqueles que poderiam iluminá-la), Enzensberger coteja várias versões e não endossa nenhuma delas em relação às demais - assim os sub-títulos de cada depoimento, dentro do

---

<sup>136</sup> Enzensberger, op.cit. p.15.



capítulo que aborda a morte do líder, são "A notícia", "A suspeita", "A testemunha ocular" e "O espólio"<sup>137</sup>.

Com o espólio de Durruti podemos começar a fechar esta conclusão: o que ele deixou em herança é materialmente tão significativo quanto a precisão das datas e fatos nos relatos anarquistas. "Na bagagem de Durruti foram encontrados os seguintes pertences: um jogo de roupas de baixo, duas pistolas, um binóculo e um óculos de sol. Este era todo o seu inventário"<sup>138</sup>. Mais do que o espólio de Buenaventura Durruti, o ícone supremo da especificidade do anarquismo espanhol é o seu próprio túmulo - sua localização é incerta, só é mostrado a uns poucos "iniciados", e seu nome está singelamente riscado na lápide. Isto apesar da incrível multidão que acompanhou o féretro.

Toda a generosidade delirante do anarquismo espanhol, expressão contemporânea dos antigos anseios igualitários presentes nos movimentos milenaristas (e não é o igualitarismo a essência secularizável da mensagem bíblica, como diz Ernst Bloch?) acabou ficando um pouco "acanhada" nas poucas páginas desta monografia; melhor do que o seu autor poderia fazê-lo, ouçamos Durruti discorrer sobre a generosidade desta utopia:

*Fomos nós que construímos todos estes palácios, todas estas cidades na Espanha, na América e em todo o mundo. Nós, os trabalhadores, podemos construir tudo de novo. Construções novas e melhores do que as atuais. Não temos medo das ruínas. A Terra será nossa herança; disso não resta a menor dúvida. A burguesia tem de mandar seu mundo pelos ares antes de deixar o palco da História. Trazemos um mundo novo dentro de nós, que cresce a cada momento [...]*<sup>139</sup>.

---

<sup>137</sup> Idem, p.282 ss.

<sup>138</sup> Ricardo Rionda Castro in: Enzensberger, op.cit. p.300.

<sup>139</sup> Idem, p.187.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALBORNOZ, Suzana. *Ética e utopia - ensaio sobre Ernst Bloch*. Porto Alegre: Editora Movimento / Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.
- BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. São Paulo: Cortez, 1988.
- BAR, Antonio. *La CNT en los años rojos - del sindicalismo revolucionario al anarcosindicalismo (1910-1926)*. Madrid: Akal / Universitaria, 1981.
- BLOCH, Ernst. *Thomaz Münzer teólogo da Revolução*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- BRENAN, Gerald. *The Spanish Labyrinth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BROUÉ, Pierre. *La Revolution et la Guerre d'Espagne*. Paris: Flammarion, 1973.
- CARR, Edward H. *El ocaso de la Comintern 1930-1935*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- \_\_\_\_\_. *La Comintern y la Guerra Civil Española*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- CARR, Raymond. *La tragedia española*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- COHN, Norman. *Na senda do milênio*. Lisboa: Presença, 1981.
- DRESSEN, Wolfgang. *Antiautoritarismo y anarquismo*. Barcelona: Anagrama, 1978.
- EHRENBURG, Ilya. *Corresponsal en la Guerra Civil Española*. Madrid: Júcar, 1979.
- ELSTOB, Peter. *A Legião Condor e a Guerra da Espanha*. Rio de Janeiro: Renes, 1978.
- ENZENSBERGER, Hans M. *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.





- FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- HEMINGWAY, Ernest. *Por quem os sinos dobram*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- IBÁRRURI, Dolores et alii. *Guerra y Revolución en España 1936-39*. Moscou: Editorial Progreso, 1967. 3 volumes.
- JACKSON, Gabriel (ed.). *La Guerra Civil Española - antología de los principales cronistas de guerra americanos en España*. Barcelona: Icaria Editorial, 1984.
- JOLL, James. *Anarquistas e anarquismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- KROPOTKIN, Piotr. *Textos escolhidos*. Porto Alegre: L & PM, 1987.
- MALATESTA, Enrico et alii. *O anarquismo e a democracia burguesa*. São Paulo: Global, 1986.
- MALRAUX, André. *A esperança*. Lisboa: Livros do Brasil, /s.d./
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MATTHEWS, Herbert L. *Metade da Espanha morreu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- MINTZ, Frank. *L'autogestion dans l'Espagne révolutionnaire*. Paris: François Maspero, 1976.
- ORWELL, George. *Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil*. Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- PANIAGUA, Xavier. *La sociedad libertaria. Agrarismo e industrialización en el anarquismo español 1930-1939*. Barcelona: Critica / Grijalbo, 1982.
- TEIXEIRA LEITE, José R. *O que é utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 2 volumes.



VILAR, Pierre. *A Guerra da Espanha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

WOODCOCK, George. *Anarquismo - uma história das idéias e movimentos libertários*. Porto Alegre: L & PM, 1983. 2 volumes.